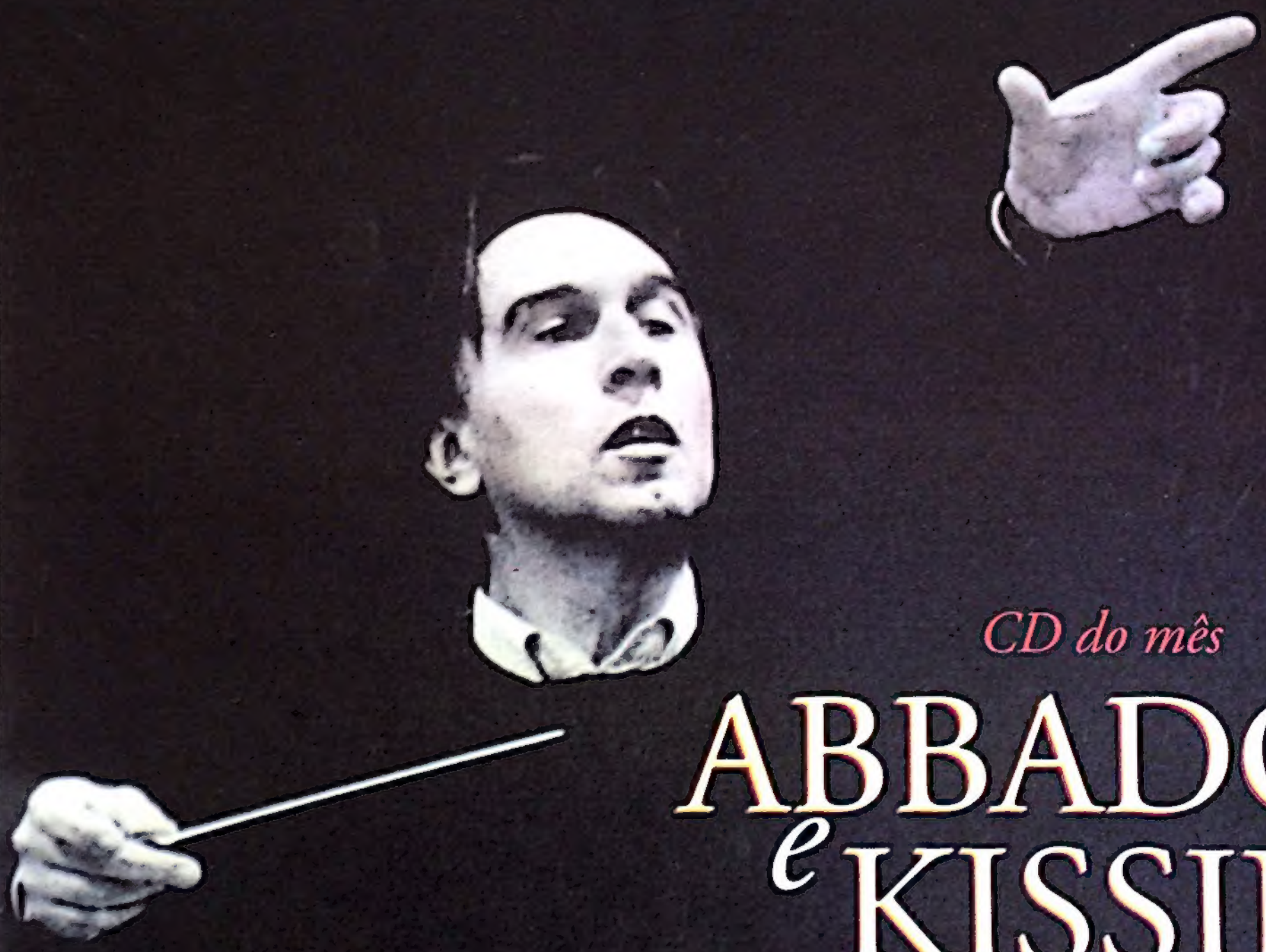
ANO 1 Nº 2 FEVEREIRO 1995 R$ 8,00

Viva Música!

ÓRGÃO OFICIAL DO AMANTE DA BOA MÚSICA



CD do mês

ABBADO e KISSIN

Ganhe!
Coleções de biografias

Ensaio
Wotan e Hitler: duplos

Curso
Canto gregoriano

canções **NAPOLITANAS**

TUTTO *Pavarotti*

in concert

& friends

TUDO ISSO É PAVAROTTI

O MAIOR TENOR DE TODOS OS TEMPOS

in CENTRAL PARK

IN BRAZIL

É PolyGram.

VivaMúsica! é uma publicação mensal, com circulação dirigida. Assinatura anual: R$ 60,00. Venda avulsa (somente em locais pré-determinados): R$ 8,00.
Direção: *Heloísa Fischer.*
Editor: *João Domenech Oneto.*
Produtoras: *Débora Queiroz e Lúcia Nascimento.*
Projeto Gráfico: *Pós Imagem Design*
Editor de Arte: *Ricardo Leite.*
Assistente de Arte: *Fabiana Prado.*
Jornalista Responsável: *Heloísa Fischer* MT -18851.
Redação e Gerência Comercial:
Av Rio Branco, 45/1401
20090-003 -RJ.
Tel.: (021) 233-5730.
Telefax.:(021) 263-6282.

Central de Atendimento ao Assinante e novas assinaturas.:
(021) 253-3461

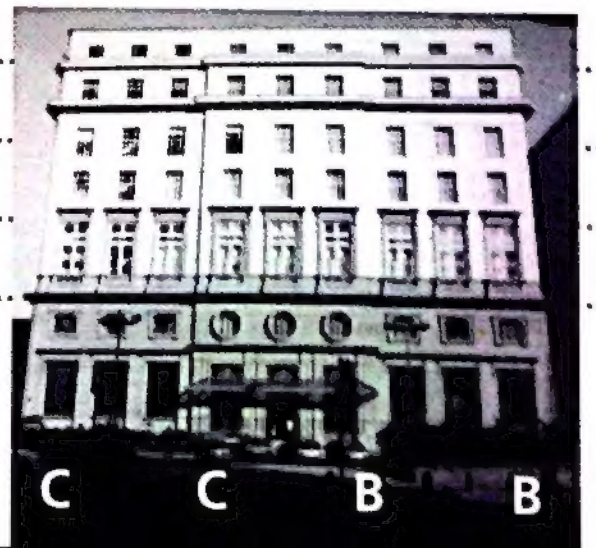
Gutemberg, quem sabe com um empurrãozinho de Villa-Lobos, bem que poderia inventar uma fórmula que possibilitasse o leitor a participar da edição mensal de VivaMúsica! Seria ótimo poder dividir todo o prazer que sentimos ao fazer a revista. O trabalho começa cerca de 40 dias antes do exemplar chegar até você, quando, decidida a pauta, são feitos os primeiros contatos e as primeiras entrevistas. A seção "Perfil Brasil"(pág. 18), que todos os meses destaca a vida e carreira de um artista brasileiro, foi a primeira a ser fechada. João Domenech conversou com Miguel Proença, antes do pianista seguir em mais uma de suas viagens musicais. Depois, foi a vez de Domenech e Débora Queiroz mergulharem no Centro Cultural Banco do Brasil, instituição que inaugura "Espaço Clássico"(pág.23), a nova coluna que irá mostrar as principais salas de concerto do Brasil. Logo em seguida, chegavam os faxes do jornalista Luiz Paulo Horta com um alvissareiro artigo de opinião (pág. 22), e, de Nova York, o do diretor e encenador Gerald Thomas, com o "Dossiê"(págs.14 e 15) de sua formação musical. Mas a melhor cena do mês - esta sim, você tinha que ter visto - foi a expressão de absoluto contentamento de Victor Giudice ao entrar na redação com o texto de estréia da seção "Ensaio"(págs. 8 a 11). Ao traçar um paralelo entre Wotan e Hitler, o escritor, com um indisfarçável sorriso, confessa ter escrito o seu melhor artigo. Até o próximo mês, com a promessa de VivaMúsica! cheia de surpresas!

Heloísa Fischer

ÍNDICE

pág.

Cartas
Sinfonia dos leitores 4
Classificados
Tudo se vende, tudo se compra 4
Clube VivaMúsica!
As promoções e atividades do mês 5
Os Compositores
Richard Wagner é o destaque de fevereiro 6
Ensaio
"Wotan e Hitler: duplos" , por Victor Giudice 8
CD do mês
Abbado, Kissin e Prokofiev 12
Dossiê Musical
Os onze compositores da vida de Gerald Thomas 14
Registro
A série Dell'Arte 95 é um dos destaques 16
Mídia
A programação clássica das TVs 17
Perfil Brasil
Vida e obra do pianista Miguel Proença 18
Agenda
Os cursos e sessões de vídeo do Rio de Janeiro 19
Lançamentos
O que está disponível em CD no mercado nacional 20
Opinião
Luiz Paulo Horta está esperançoso com 95 22
Espaço Clássico
Teatro II do Centro Cultural Banco do Brasil (RJ) 23



"Recentemente, duas manifestações da propaganda na TV me deixaram literalmente revoltado. No comercial do "Sapólio Radium líquido", ao fundo música do período clássico, a doméstica reclama da "musiquinha" que a patroa ouve o dia todo. Já no anúncio de natal do Banco Boavista, uma adolescente, chateada com o presente recebido, comentava com desdém: "um CD de ópera ! ". Será tão necessário a estes senhores da propaganda arremeter contra a música erudita?"

N. Dawid Korenchendler,
Compositor e professor.
Assinante 23088 - 01

"Que tal a revista publicar mensalmente um ranking com os melhores vídeos e os CDs mais vendidos, além de um balanço anual na edição de dezembro?"

Helder do Amaral Oliveira
Assinante 20242 - 00

"Seria interessante que vocês fizessem entrevistas e reportagens com cantores de ópera do passado, que não devem ser esquecidos por nós, tais como Renata Tebaldi e Ferruccio Tagliavini."

Mavília Reis
Assinante 20246 - 01

Suas sugestões, Helder e Mavília, serão aproveitadas.

"Espero que fique garantido na revista o espaço para a discussão dos problemas de quem faz música no Brasil e que ela valorize o artista nacional. Só assim VivaMúsica! estará de fato contribuindo para a ampliação do mercado de música erudita no Brasil".

Sérgio Pires,
Musicólogo e regente do conjunto Brasil Barroco
Assinante 22836 - 00

Fique tranqüilo, Sérgio, pois nossos objetivos são precisamente os mesmos.

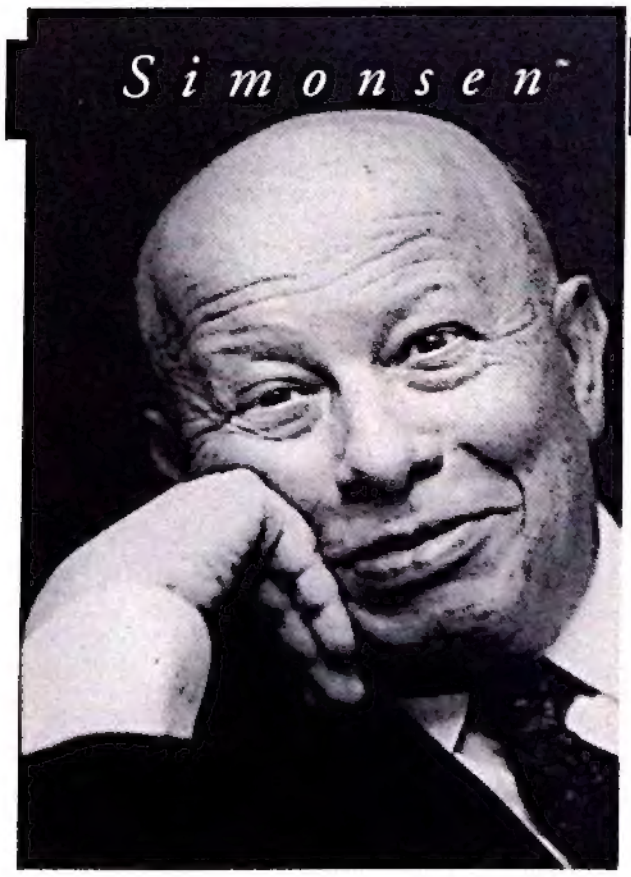
"Lendo a revista VivaMúsica! voltei àquela atmosfera de família, discutindo, conversando e aprendendo sobre a música que cresci escutando".

Déborah Passarelli Barros de Souza,
Campo Grandes (MS)
Assinante 23046 - 00

"Recebi com alegria a notícia da criação da revista VivaMúsica! Gostaria de receber informações sobre assinatura e locais onde posso encontrar a revista."

Vanessa Moraes Ferreira, *RJ*

Entre em contato com nossa Central de Atendimento (021) 253-3461 e teremos o maior prazer em lhe dar quaisquer informações .



No próximo número

- O Dossiê Musical de *Mário Henrique Simonsen*
- *Villa-Lobos*, na série Os Compositores
- Maestro *Julio Medaglia* assina a coluna Opinião
- Na Agenda, a abertura da temporada *95*

CLASSIFICADOS

CONSERTOS
De instrumentos de cordas. Reforma e restauração. Sandrino Santoro. Tel.: 551-0069.

DIGILASER
Clube de CD e vídeo-laser, popular e clássico. Pedidos por telefone. Entrega grátis. R. Almte. Barroso, 2 / sala 402, Rio. Tel.: 262-2356.

CANTO
Aulas para iniciantes. Gabriela Capper. Tel.: 245-4219, Laranjeiras.

AULAS
Viola da gamba e flauta-doce. Mario Orlando. Tel.: 611-4972. Niterói.

VIOLONCELO
Aulas particulares. Paulo e Ricardo Santoro. Tel.: 551-0069. Fax: 553-0574.

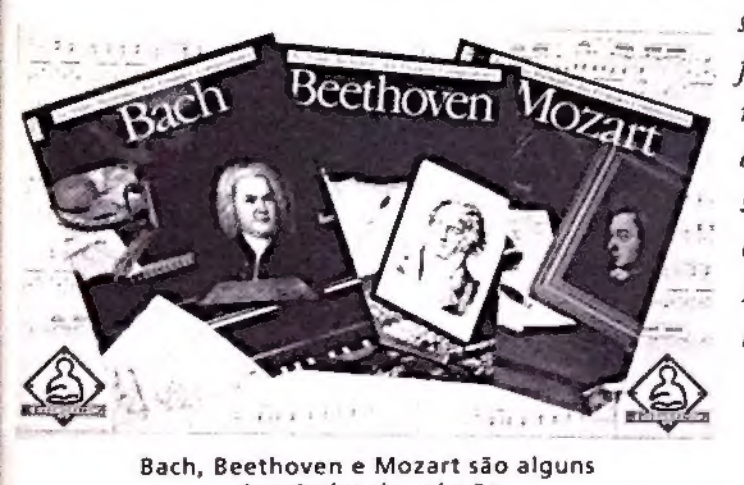
VIDEOLASER
Aluguel de equipamentos para o seu *home theatre* - players, TVs, caixas de som e amplificadores. Videomaker. Tel.: 259-9444.

SONORIZAÇÃO
Ambientes e teatros. Gravações DAT profissionais. Tels.: 205-0220 e 265-3536

Curso, promoção e descontos exclusivos

Ganhe!

Que tal ter uma coleção com sete volumes da série "As vidas ilustradas dos grandes compositores", editada pela Ediouro, com tradução de Eduardo Francisco Alves. VivaMúsica! vai sortear, entre os assinantes, duas coleções de livros. Você poderá enriquecer sua biblioteca com os títulos "Brahms", "Mozart", "Rossini", "Bach", "Liszt", "Beethoven" e "Chopin". Para participar desta promoção exclusiva basta entrar em contato com a Central de Atendimento ao Assinante, pelo telefone (021) 253-3461, dizer seu nome completo, seu número de assinante e o nome do tradutor da coleção. O sorteio será feito no dia 28 de fevereiro, às 18h30, na redação da revista. Os dois ganhadores receberão suas coleções em casa. No caso de assinantes fora do Rio, os livros serão despachados pelo correio.



Bach, Beethoven e Mozart são alguns dos títulos da coleção

DESCONTOS PARA ASSINANTES

Apresente seu cartão de assinante nos seguintes estabelecimentos e obtenha o desconto indicado:

DAZIBAO
TRAVESSA DO OUVIDOR
Mate a sua vontade de ter o Dicionário Grove em português. A livraria Dazibao oferece um desconto especial para o Clube VivaMúsica!: 20% de desconto na compra desta "bíblia" da música clássica. Basta apresentar seu cartão de assinante. Desconto válido somente para a Dazibao da Travessa do Ouvidor, 11-A, RJ. Tel.: 242-9294.

BOOKMAKERS
A locadora de vídeolasers, que funciona no mezzanino, oferece 20% de desconto no valor da inscrição.
Rua Marquês de São Vicente, 7 - Gávea
Tel.:274-4441

UP TO DATE
A locadora e importadora do Leblon oferece um simpático desconto de 10% na compra de qualquer CD importado, equipamento ou acessório de áudio e vídeo, além de um desconto de 25% na inscrição para locação de videolasers. A Up to Date fica na Av. Ataulfo de Paiva, 566/ sobreloja 215, RJ. Tel.:294-3041.

MACEDONIA VIDEO CLUBE
Possui 10 mil fitas em acervo, sendo mil títulos só de clássicos. Óperas, balés e música sinfônica para venda e locação. Assinante VivaMúsica! tem isenção de matrícula do vídeoclube e 10% na compra de fitas (promoção válida para todos os títulos disponíveis). Rua do Catete, 311/ loja 110, RJ.

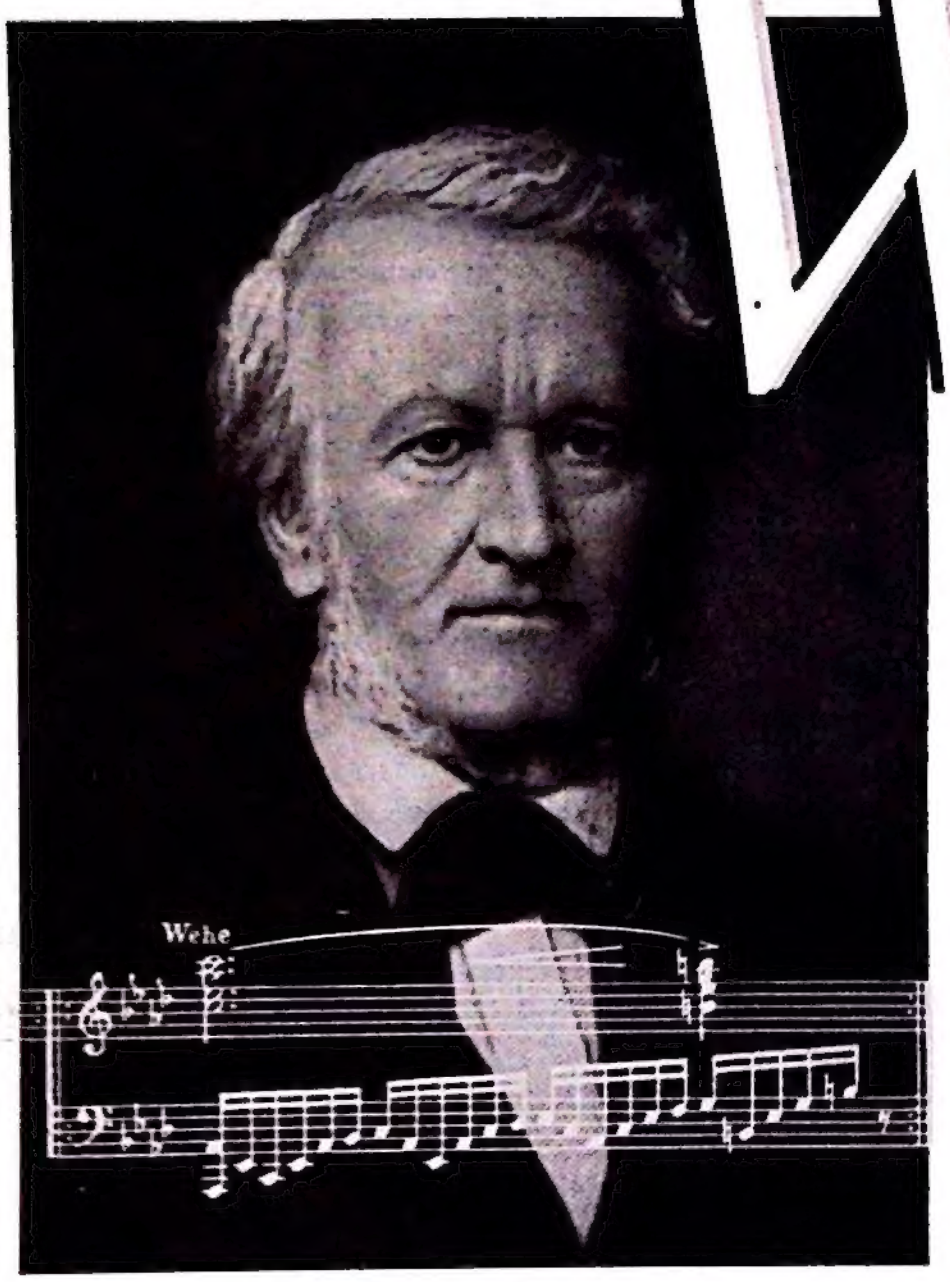
Caso você seja assinante e ainda não tenha recebido o cartão, por favor entre em contato com nossa Central de Atendimento: (021) 253-3461

CANTO GREGORIANO *curso e CDs*

O canto gregoriano virou mania em todo mundo, vendendo milhões de discos e atraindo grandes públicos para eventuais apresentações ao vivo. Até no Brasil, país mais jovem do que as composições gregorianas e do que os próprios mosteiros onde a tradição foi criada, ja há gravações também, feitas pelos monges do Paraná. Para entender este fenômeno, assim como o espírito e a técnica destas composições, **VivaMúsica!** oferece este mês aos seus assinantes um curso sobre canto gregoriano, a cargo de Carlos Alberto Figueiredo, professor e regente do Coro de Câmara da Pro-Arte. Entre os participantes, serão sorteados CDs deste especial tipo de música.

CURSO SOBRE CANTO GREGORIANO,
com Carlos Alberto Figueiredo
Dias 14, 15, 16 e 17 de fevereiro, das 18h às 20h
Preço: R$ 40,00
50 vagas exclusivas para assinantes
Museu da República -Espaço Multimídia
Rua do Catete, 153
Inscrições pela Central de Atendimento
(021) 253-3461

Richard Wagner



WAGNER foi compositor precoce

Poucos compositores na história da música tiveram sua posteridade tão abalada por fatos alheios ao seu trabalho quanto o alemão Richard Wagner. Para muita gente, o nome de Wagner vem à mente associado ao nazismo e ao anti-semitismo*(leia ensaio nas págs. seguintes)*, algo que tem a sua razão de ser, mas que não deveria atrapalhar a avaliação da obra, totalmente imaculada por estas questões. Mais importante é lembrar Wagner como um revolucionário inovador da música, um gênio teatral e um teórico de finíssima percepção. É do compositor o crédito pela criação de uma obra de arte "total", com música e texto dramáticos - com todas as suas implicações filosóficas e simbólicas - interligadas e formando um conjunto que surpreende ainda hoje toda e qualquer pessoa que se detém para analisá-lo.

A vida de Richard Wagner é digna - ao contrário da de um Bach ou um Haendel, por exemplo - de um grande texto romântico. A precocidade como compositor e regente, os amores proibidos, um momento manifestamente de revolucionário socialista contraposto mais tarde a um de quase "músico da corte", períodos oscilando entre a quase miséria e o fausto, um esforço monumental para criar até uma espécie de "templo" para o que considerava uma nova forma de arte, escritos provocadores e polêmicos, obras equivocadas seguidas por obras revolucionárias e perfeitas, tudo isso acompanhando uma personalidade forte, autoritária até. Wagner era extremamente personalista e vaidoso, capaz ainda de exercer um fascínio singular sobre as personalidades que o conheciam.

Bayreuth

Nascido na cidade de Leipzig em 22 de outubro de 1813, Richard Wagner teve a infância marcada por intenso contato com o mundo da música e do teatro. Durante sua juventude em Dresden e Leipzig (onde cursou a universidade) demonstrou excepcional talento musical, mas também um estilo de vida rebelde e selvagem. Logo interessou-se pela obra de Beethoven e Weber, ao mesmo tempo que pelo teatro de Shakespeare e dos dois grandes autores românticos alemães: Goethe e Schiller. Aos 20 anos, já pôde assistir à apresentação em Leipzig de sua "Sinfonia em dó maior". Trabalhou em Würzburg, onde compôs sua primeira ópera, "Die Feen" (As Fadas). Casou-se e passou os seis anos seguintes pulando entre várias pequenas cidades na região mais ao leste da então Prússia.

A grande mudança planejada por Wagner para sua vida aconteceu em 1839, quando mudou-se para Paris já cheio de dívidas. Apesar da recomendação do compositor Meyerbeer - um alemão que conseguiu sucesso na França fazendo ópera francesa -, Wagner passou três anos de obscuridade por lá. O tempo não foi perdido, pois foi quando ele tomou contato com a obra de Hector Berlioz e compôs duas óperas mais maduras, "Rienzi" e - sobretudo - "O Navio Fantasma". Em 1842 voltou a Dresden para conhecer o sucesso com "Rienzi". Até o final da década de 40, o renome do compositor só cresceu. Mas, suas posições políticas - em favor da revolução socialista e participando até de uma rebelião em Dresden em 1849 - começaram a trazer-lhe problemas. Em 1850, na estréia de sua nova obra, "Lohengrin", encenada por Franz Liszt em Weimar, Wagner era procurado pela polícia e estava foragido, vivendo na Suíça.

Na sua busca do drama alemão que desejava conjugar com sua música, dedicou-se ainda mais a estudar e desvendar as simbologias das mitologias germânicas. Seus livros do início da década de 50 tratavam de questões sociais - Wagner ansiava por um estado socialista - e teóricas sobre arte e inovação, e simultaneamente ele compunha poemas sobre as lendas dos Nibelungos que viriam a dar a base de sua Tetralogia, "Der Ring des Nibelungen" (O anel dos Nibelungos).

Em 1857 Wagner já tinha composto partes da Tetralogia, mas não via perspectivas de conseguir montá-la em virtude de seu caráter monumental. Influenciado pelo pessimismo do filósofo alemão Arthur Schopenhauer e por problemas amorosos, o compositor terminou uma de suas mais importantes obras: "Tristão e Isolda". Em 1860 e 1861 ele vagava pela Europa, de Paris para a Alemanha (tinha sido anistiado), até Viena. Completou uma ópera relativamente "fácil", "Os mestres cantores de Nuremberg", mas não conseguia completar o "Anel". Em 1864, desesperado pelos problemas artísticos, políticos, amorosos e financeiros, Wagner foi salvo pelo mecenato do mais jovem governante europeu, o rei Ludwig II (18 anos) da Baviera. Apaixonado pelo trabalho do compositor, o já então excêntrico Ludwig não mediu esforços para patrociná-lo e montar suas obras em Munique.

Wagner, porém, continuava o rebelde criador de casos da juventude na Universidade de Leipzig. Tornou-se amante da filha de Liszt, Cosima, nada mais, nada menos que a mulher do maestro que regia suas obras em Munique, Hans von Bülow, o que o forçou a deixar a cidade. Foi para a pequena cidade de Bayreuth, onde viveu os cerca de 25 anos de vida que lhe restavam. Foi ali que completou a Tetralogia e teve a idéia de construir uma sala especial, quase um templo, para a execução de suas obras. Com a ajuda de Ludwig e através de seus próprios esforços, Wagner conseguiu tornar realidade o Festspielhaus de Bayreuth, que foi inaugurado em agosto de 1876, justamente com a apresentação da Tetralogia "O anel dos Nibelungos" completa: "O ouro do Reno" (1869), "As Valquírias" (1870), "Siegfried" (1876) e "O crepúsculo dos deuses" (1876).

Wagner e Cosima

Seus últimos anos, até a morte em 13 de fevereiro de 1883, foram tranqüilos, apesar de seus escritos tomarem cores cada vez mais anti-semitas. Entre 1877 e 1882 compôs sua última grande obra: "Parsifal". Sua idéia de "obra de arte total", seus "dramas" eram uma realidade que viria a marcar profundamente a música desde então. Entre os grandes compositores profundamente influenciados pela obra de Wagner, podemos citar nomes como Bruckner, Strauss, Mahler e Schoenberg. Hoje sua música está por toda parte, no cinema, no teatro, até na obra de músicos populares e influenciando a literatura.

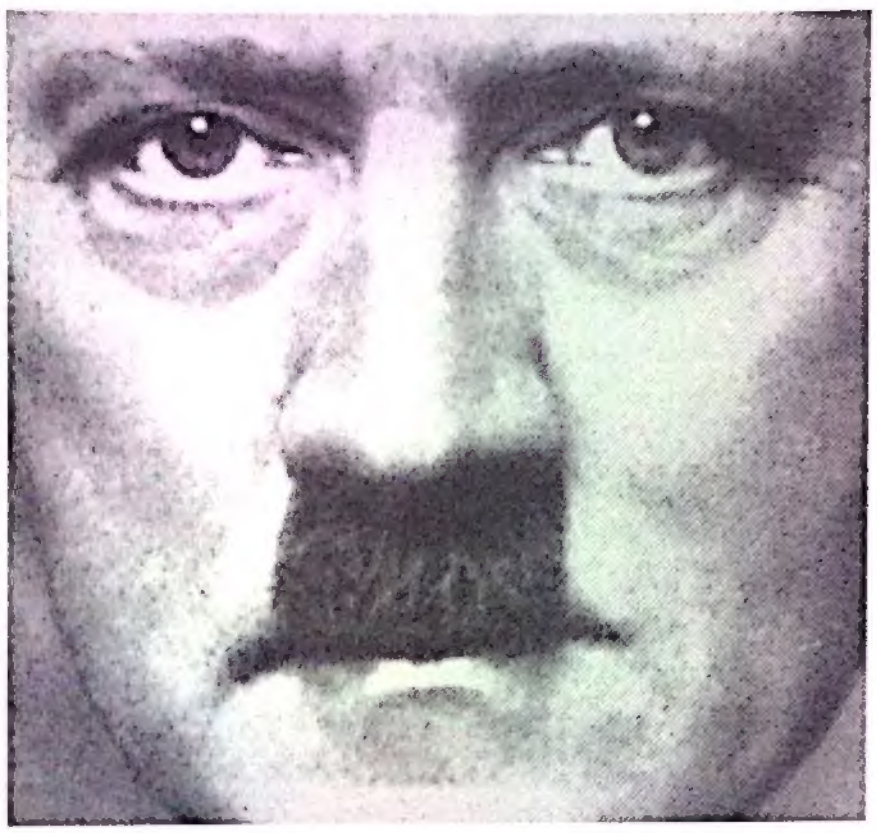
CRONOLOGIA:

1813 - *Nascimento em Leipzig.*
1833 - *Compõe a Sinfonia em Dó maior.*
1839 - *Muda-se para Paris.*
1840 - *Completa a ópera "Rienzi".*
1841 - *Compõe "O Navio Fantasma".*
1842 - *Volta à Alemanha.*
1845 - *Termina "Tannhäuser".*
1849 - *Procurado por participação no levante de Dresden.*
1850 - *Estréia de "Lohengrin" em Weimar sem a presença de Wagner, exilado em Zurique.*
1852 - *Escreve o poema "O anel dos Nibelungos".*
1857-59 - *Compõe "Tristão e Isolda".*
1864 - *É convidado por Ludwig II da Baviera a ir trabalhar em Munique.*
1865 - *É forçado a deixar Munique.*
1865-70 - *Suas obras continuam a ser representadas em Munique.*
1872 - *Início da construção do Festspielhaus, a sala de concertos de Bayreuth especialmente desenhada para a apresentação das obras de Wagner.*
1876 - *Estréia de "O anel dos Nibelungos".*
1877-82 - *Compõe "Parsifal".*
1883 - *Morte em Veneza.*

Wotan e Hitler: *duplos*

Victor Giudice

Em 1968, a editora Difusão Européia do Livro publicou no Brasil uma curiosa e extensa investigação, de Jacques Bergier e Louis Pauwels, com o título - mais curioso ainda - de "O Despertar dos Mágicos" (em francês, "Le Matin des Magiciens"). Segundo os autores, o livro aborda uma *introdução ao realismo fantástico*. Nas páginas 228 e 229, lemos o seguinte: "Em 1896, um escritor inglês, M.P.Shiel, publica um conto onde se vê um bando de criminosos horríveis destruindo a Europa, matando famílias, que supõem prejudiciais ao progresso da humanidade, e queimando os cadáveres. O conto se chama 'Os S.S'."



Através de um argumento original, fica estabelecido o poder demiúrgico do ficcionista, capaz de antecipar literariamente o que seria, trinta e poucos anos depois, uma das instituições mais aterrorizantes de toda a História. Platão chama de demiurgo o deus que elabora a priori a matéria com a qual criará o Universo. Essa idéia de Platão, com seu amplo significado, contaminou outro deus, mais encontradiço entre os simples humanos, mantido, é claro, o alto nível de raridade: o Artista. Certos artistas, exceção feita aos epígonos, são dotados da capacidade de prever fenômenos, ou seja, elaborar anteriormente a matéria com a qual se formará novo universo. No caso da Música, pura e simples, Beethoven inventa os estilemas que serão o prato cheio dos compositores responsáveis pelo novo universo romântico. Nele, o século XIX ficará sonhando, até ser despertado por acordes assustadores, na "Tarde de um Fauno", renovada por Claude Debussy, ou no cromatismo ascendente do "Liebestod" no "Tristão e Isolda", loucura sonora de outro demiurgo: Richard Wagner (1813-1883).

Já o artista epígono é aquele que se debruça sobre a novidade epistemológica sugerida pelo demiurgo, aceita-a e constrói com ela o novo universo, chegando mesmo a legitimá-lo. Apenas como exemplo - e defesa - dos epígonos, é de bom tom assinalar-se que Brahms era epígono. Entre suas quatro sinfonias, compostas em nove anos, de 1876 a 1885, observam-se poucas inovações formais relevantes, a ponto de serem consideradas como heranças beethovenianas. Mas são inegáveis obras-primas.

Pois bem, se Adolf Hitler (1889-1945) reunisse entre suas qualificações obscuras, um mínimo que fosse da característica do artista epígono, talvez tivesse desistido do Nazismo, livrando a Humanidade e o Século XX dessa mácula indigesta. Isso porque, ao mergulhar na obra de Wagner, é possível que lesse nas entrelinhas das quatro etapas que compõem "O Anel do Nibelungo", os quatro estigmas que levaram o Terceiro Reich à destruição: a cobiça, a espoliação, o assassinato e a catástrofe.

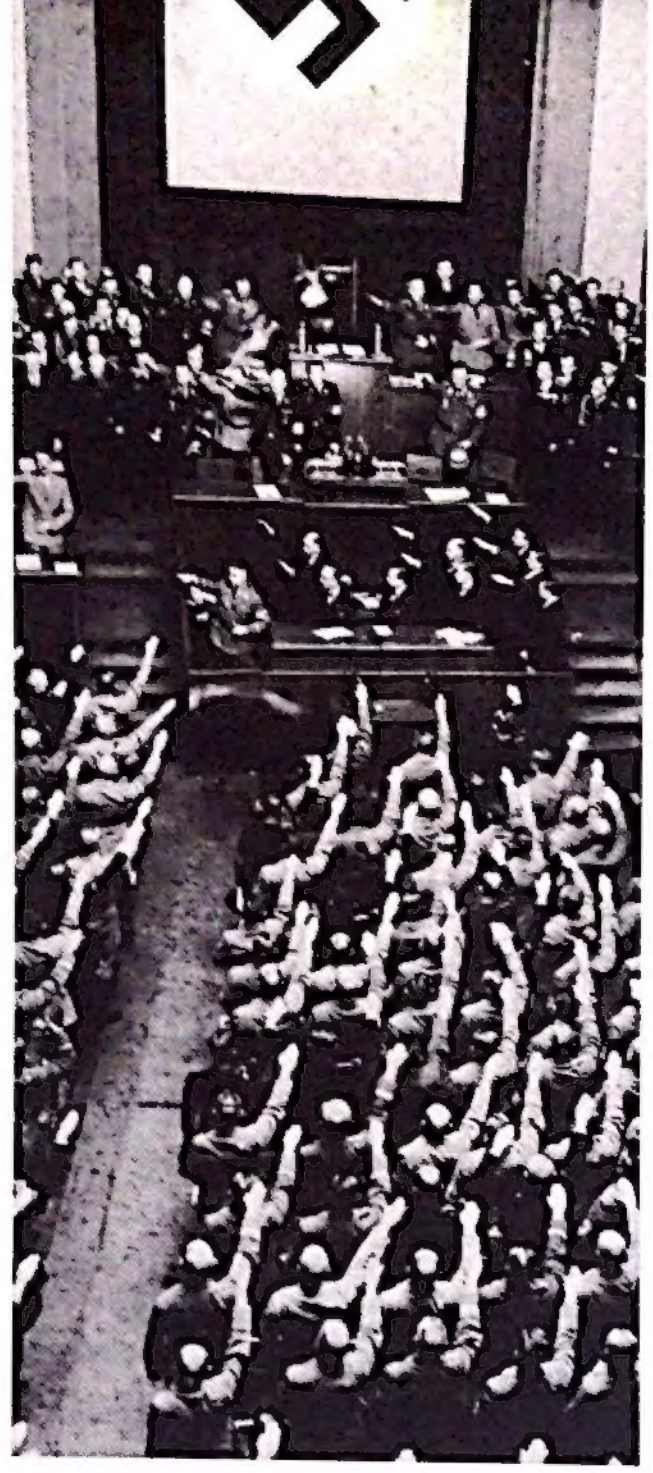
É claro que em noventa e nove por cento dos casos, o artista é inconsciente de seu poderes premonitórios. Ele não é, em princípio, um pensador esotérico, embora os esoteristas vejam no fenômeno criador manifestações divinatórias e mediúnicas. É possível que Wagner, como todo

"'O Anel do Nibelungo' prevê os quatro estigmas que levaram o Terceiro Reich à destruição: cobiça, espoliação, assassinato e catástrofe"

gênio consciente de seus poderes, pressentisse as possibilidades grandiosas de um fenômeno estético elaborado sob a égide dos antigos mitos nórdicos e germânicos. Em agosto de 1843, aos trinta anos, ele leu "A Mitologia Alemã", de Jakob Grimm, publicada em 1835. Mais tarde, escreveria: "Eu estava sob o império de um estranho sortilégio; esses farrapos da tradição significavam o passado que se materializava na noite dos tempos, e logo eu tive a consciência de ser a sede de uma ressurreição, e de estar dominado pelas sombras de memórias profundas que, pouco a pouco, se tornavam familiares."

A gestação começou, portanto, em agosto de 1843 e terminou em outro agosto, de 1876, data da estréia de "O Anel de Nibelungo", na inauguração do Teatro de Bayreuth. O processo de criação desenvolvido por Wagner é, sem dúvida, uma das escaladas mais comoventes da História da Arte.

O personagem central da Tetralogia é o deus Wotan. O personagem central do Nacional-Socialismo, mais conhecido como Nazismo, é Adolf Hitler. A Tetralogia compreende as quatro óperas que compõem "Der Ring des Nibelungen" (O Anel do Nibelungo). São elas: "Das Rheingold" (O Ouro do Reno), "Die Walküre" (A Valquíria), "Siegfried" e "Götterdämmerung" (O Crepúsculo dos Deuses). Wotan, o mesmo Odin da mitologia nórdica, é considerado o deus supremo na aristocracia dos guerreiros. A genialidade inicial de Wagner consiste na transmutação de Wotan, heróico nas mitologias que o consagram, no Wotan da Tetralogia, um poço de ressentimento, humanamente frágil, ambicioso, traiçoeiro, covarde, vingativo e, sobretudo, tão temeroso das falsas premissas burguesas, que chega a cometer um filicídio ("A Valquíria", segundo ato).



A célula mater da Tetralogia é o roubo do Ouro do Reno, pelo anão Alberich, da raça dos nibelungos. Nesse episódio, ocorrido logo no início de "Das Rheingold", Wagner começa a mostrar as unhas que vão arranhar o futuro político-ideológico da Alemanha, causando sangrentas feridas demiúrgicas. Atualmente, mais de cem anos depois da estréia, começamos a traduzir os símbolos que codificam a narrativa, ou melhor, as múltiplas narrativas de "O Anel". O Rio Reno, representado pelos cento e trinta e sete compassos da abertura orquestral, apoiados no famoso mi bemol, pode ser a própria Alemanha, cujas riquezas, simbolizadas pelo Ouro, são precariamente guardadas por três filhas do rio: as belas e descuidadas Woglinde, Wellgunde e Flosshilde. Alberich, o anão que vai se apropriar indevidamente do Ouro não é da raça dos deuses, pertencendo a uma sociedade estranha, os nibelungos, operários incansáveis das forjas. Ao se ver desprezado pelas três beldades do Reno, Alberich rouba o Ouro e renuncia ao amor, condição fundamental para se tornar poderoso, assim que usar um Anel fabricado com o metal roubado. Na Alemanha anterior ao Nazismo havia raças não-germânicas que se enriqueciam à custa de certas riquezas nacionais. Este foi um dos fatos que levaram Hitler a desejar, a qualquer custo, uma Alemanha apenas para os alemães (arianos).

Na segunda cena de "O Ouro do Reno", vemos Wotan e Fricka, sua mulher, diante do Walhalla, portentoso castelo recém-construído por dois irmãos gigantescos, Fafner e Fasolt, sob encomenda de Wotan. Os gigantes, com sua força descomunal e seu aspecto rude, simbolizam a classe operária. O Walhalla será a moradia dos deuses: Wotan, Fricka, sua irmã Freia, Donner e Froh. No começo da cena, Fricka e Wotan discutem sobre o pagamento a ser feito aos gigantes por seu trabalho. Wotan não tem como pagar. Ele, o deus supremo, em cuja lança encontram-se gravados em escrita rúnica seus acordos míticos, está ameaçado de se transfornar num deus caloteiro. Na Alemanha dos anos vinte, Adolf Hitler, segundo seu biógrafo Joachim Fest, embaralhou idéias colhidas em Lenine, Gobineau, Nietzsche, Schopenhauer e até em Wagner, e idealizou o Terceiro Reich que, a exemplo do Walhalla, de Wotan, duraria no mínimo mil anos. Em "O Ouro do Reno", Wotan salda a sua dívida com os gigantes, retomando o Ouro roubado pelo anão Alberich. Numa Alemanha fragilizada por uma inflação sem precedentes, Hitler busca financiamentos de raças não-germânicas e, não alcançando sucesso, passa a mover uma inaudita perseguição a essas raças. O anti-semitismo é um reflexo dessa reação. Na ópera, ao se ver espoliado do Ouro, do Anel, que lhe confere poder

absoluto, e do Tarnhelm, carapuça tecida em metal que, colocada na cabeça, dá ao usuário qualquer forma física, Alberich lança a maldição que determinará a derrocada dos deuses: "Assim como veio a mim por maldição, seja este Anel também maldito.(...) Aquele que o possuir será devastado pela desgraça, e aquele que não o tiver será atormentado pela inveja". Silenciosas ou não, Hitler deve ter sido alvo de milhões de maldições muito mais contundentes que a de Alberich.

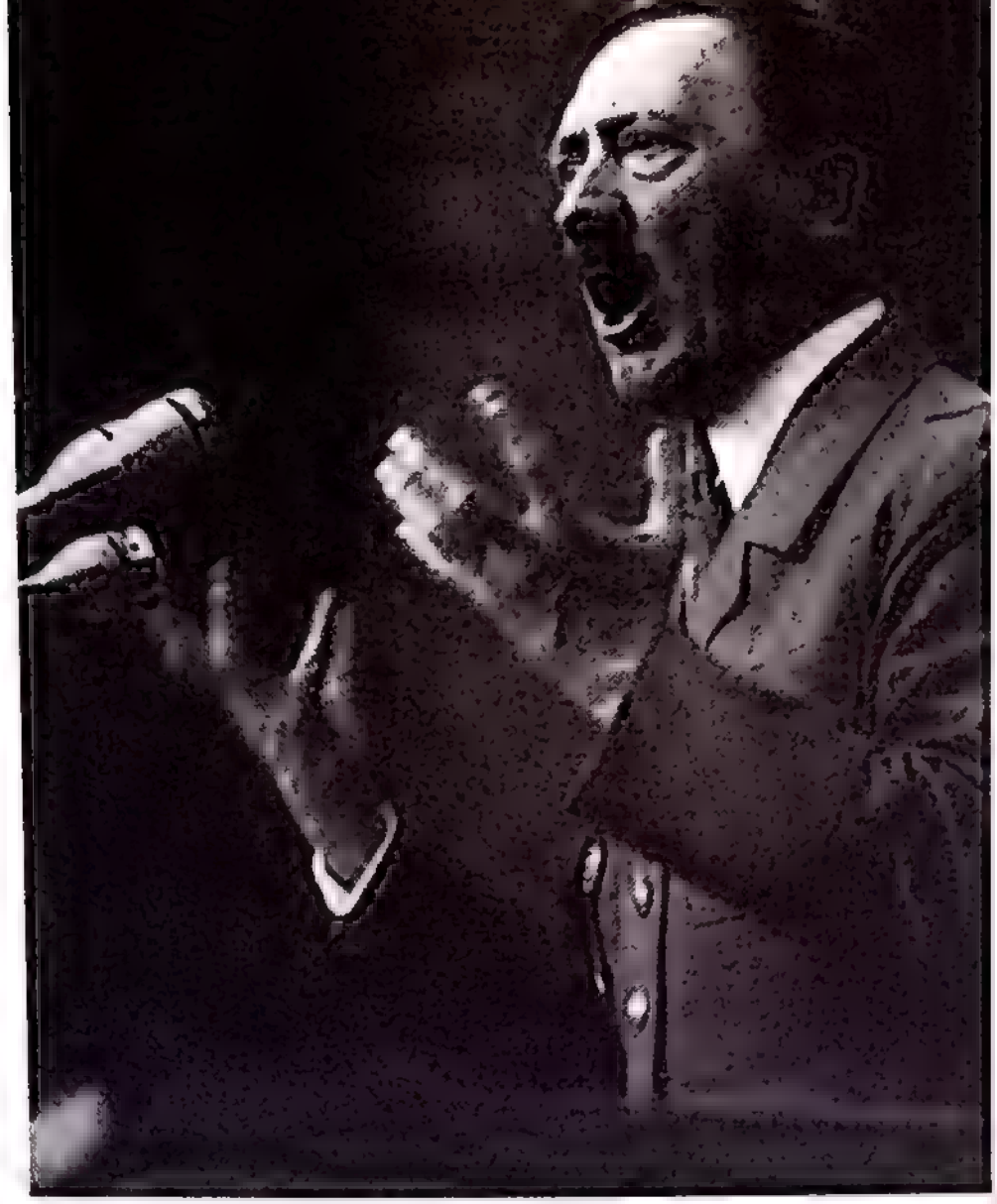
No final de "O Ouro do Reno", Wagner introduz um dos momentos mais significativos de toda a Tetralogia: a súbita aparição de Erda, deusa da Terra. Com a sabedoria extraída da Natureza, ela aconselha Wotan a ceder aos desejos dos gigantes, que tudo exigem dele: o Ouro, o Tarnhelm e o Anel. Só assim ele conseguirá livrar-se da maldição sem remédio. A deusa arremata seu discurso de modo a não deixar a mínima dúvida sobre o destino de seus colegas: "Tudo que existe terá um fim. Um dia de escuridão vai surgir para os deuses. Meu conselho é fugir do Anel". Na estética wagneriana, o Anel é um símbolo do poder. Na Alemanha de Hitler, o poder é representado por todas as instituições que mantêm o Nacional-Socialismo: as SA, a Gestapo, as SS etc. Na verdade, o canto de Erda é válido para quaisquer adeptos da tirania. Sobre o assunto, seria interessante um passar de olhos no "Tratado da Tirania", do italiano Vittorio Amadeo Alfieri, publicado no final do século XVIII, ou em "*O Príncipe*", de Machiavel.

"Assim como Wotan sacrificou um filho natural, Hitler massacrou os filhos de sua ambição de poder."

Estabelecidas as regras do jogo dramático, Wagner nos leva à segunda jornada, "A Valquíria", passada alguns anos depois. Nesse intervalo, Wotan, marido infiel, passou algum tempo nas florestas sob o nome de Wälse, o Lobo, e lá uniu-se a uma mulher comum, com quem gerou um casal de gêmeos: Siegmund e Sieglinde, formadores da raça dos Wälsungen. Sieglinde foi casada à força com um caçador de maus bofes, Hunding, em cuja casa há um pátio central dominado por uma velha árvore, um freixo. No início da ópera, Siegmund, perseguido por inimigos, busca refúgio na casa de Hunding e é socorrido por Sieglinde. A princípio os dois não se reconhecem. Depois, em presença do dono da casa, Siegmund conta sua história. Hunding começa a desconfiar. Além do mais, percebe que sua mulher e o fugitivo são muito parecidos. Quando Hunding se retira, Sieglinde lhe dá uma beberagem que o manterá fora de combate durante algumas horas. A sós com Siegmund, ela lhe mostra uma espada que havia sido enterrada no tronco do freixo por um desconhecido, no dia de seu casamento com Hunding. Na ocasião, o desconhecido lhe dissera que a espada pertenceria àquele que conseguisse desencravá-la. Num momento musical grandioso, Siegmund desencrava a espada, os dois se apaixonam, mesmo depois de descobrirem que são irmãos, e fogem. O segundo ato revela outra aventura extraconjugal de Wotan. Dessa vez com a própria Erda, deusa da Terra, que lhe dá nove filhas, as valquírias. A Valquíria Brünnhilde é sua preferida. Depois de um breve encontro com ela, Wotan é procurado pela mulher, Fricka, indignada com as queixas de Hunding, seu súdito. Segundo ele, Sieglinde e Siegmund o desonraram. Para Fricka, além do adultério, há ainda o peso do incesto cometido pelos irmãos. Como satisfação, ela exige de Wotan que, no momento do combate, ele abandone o filho Siegmund ao ódio vingativo de Hunding. Na cena seguinte, ocorre a célebre narrativa de Wotan, onde ele revela à filha todos os acontecimentos anteriores, incluindo a notícia de que o anão Alberich gerou um filho com uma mulher subornada por ele. Esse filho aprenderá com o pai o ódio aos deuses. Ironicamente, ele termina a narrativa abençoando o filho do Nibelungo. Em seguida, pede a Brünnhilde que lute por Fricka, ou seja, que deixe Siegmund perecer numa luta com Hunding. A obediência de Wotan às exigências de Fricka, ditadas por preconceitos burgueses inaceitáveis numa deusa, é outra demonstração da fraqueza moral do deus. Durante o encontro de Siegmund com Hunding, Brünnhilde, num gesto de grandeza, desobedece às ordens do pai e defende o meio-irmão. Mas o próprio Wotan surge em cena, fazendo em pedaços a espada de Siegmund que, indefeso, é morto por Hunding. Na confusão, Brünnhilde recolhe os pedaços da arma e foge com Sieglinde, grávida de Siegmund. No final do ato, Wotan, numa raríssima atitude digna, dirige-se a Hunding: "Vai, escravo. Ajoelha-te diante de Fricka e diz a ela que a lança de Wotan vingou seu ultraje. Vai!". No último "vai", Hunding cai fulminado.

Mas voltemos à realidade nazista. Em 1934, surgiu na Alemanha um conflito ideológico entre duas facções do Nacional-Socialismo. De um lado as SS e o exército alemão tradicional, Reichswehr, e de outro, a organização das SA, espécie de armada paralela, formada durante a ascensão de Hitler ao poder, e que agora contava com aproximadamente quatro milhões de homens armados, chefiados por Ernst Röhm. Em 30 de junho de 1934, Hitler e seus asseclas ordenaram a prisão e o assassinato de todos os chefes das SA. A chacina, que durou quase três dias, serviu para consolidar a posição de Hitler no comando supremo do Reich. Assim como Wotan sacrificou um filho natural, Hitler massacrou os filhos de suaambição de poder. Seu crepúsculo já começava a se desenhar.

Depois de Wotan deixar Brünnhilde adormecida num rochedo, como castigo a sua desobediência, à espera de um herói que a desperte, Wagner se encaminha para a terceira jornada, que vai contar a história do filho de Sieglinde e Siegmund: Siegfried. O jovem Siegfried desconhece o medo,



acredita na força da espada que herdou da mãe e que ele próprio refundiu. De espada em punho e sempre acompanhado por Mime, anão perverso, seu pai de criação e irmão de Alberich, parte para a floresta a fim de encontrar o gigante Fafner, que assassinara o irmão Fasolt e que agora, transformado em dragão às custas do Tarnhelm, guarda o Ouro e o Anel, ocultos na Caverna da Inveja. Siegfried, símbolo da juventude alemã, mata Fafner e Mime, apodera-se do Anel e desperta Brünnhilde, por quem se apaixona. O episódio pode muito bem simbolizar a formação da nova Alemanha, depois da chamada "noite dos longos punhais", durante a qual as SA foram liqüidadas. Pela manhã, já em "O Crepúsculo dos Deuses", depois de uma lânguida introdução orquestral, Brünnhilde e Siegfried proclamam sua felicidade. Terminadas as juras de amor, o jovem herói parte em busca de novas aventuras, enquanto a nova Alemanha se aventura na invasão da Áustria, da Polônia, da França, da União Soviética. Na ópera, a última da Tetralogia, Siegfried não contava com a presença de Hagen, o filho espúrio de Alberich, vivendo agora com os meio-irmãos Gunther e Gutrune, da raça dos Gibichungen. É bom notar que o sangue de Hagen é cinqüenta por cento nibelungo. É justamente ele que vai interromper as aventuras de Siegfried, fazendo com que o herói, por meio de um sortilégio, esqueça a existência de Brünnhilde. Logo depois, durante uma caçada, Siegfried recobra a memória por meio de outro sortilégio de Hagen, mas este acaba enterrando-lhe uma lança nas costas. Seu corpo é levado com honras militares até Brünnhilde. Nesse momento a Valquíria, conscientiza o horror deflagrado pela raça dos deuses, acende uma pira, retira o Anel maldito da mão de Siegfried e devolve-o às filhas do Reno. Em seguida, atira-se ao fogo e decreta o desmoronamento do Walhalla.

Os deuses wagnerianos acabaram mal quanto os deuses da Alemanha nazista. Os exércitos aliados, tal como Hagen, embaralharam as aventuras de conquista da Rússia, e os russos se juntaram aos norte-americanos. Em maio de 1945, um soldado soviético fincou uma bandeira da URSS no alto do edifício da chancelaria, numa Berlim semidestruída, e o Reich dos mil anos repetiu a catástrofe do Walhalla.

Apenas como curiosidade, em agosto de 1934, durante o enterro do velho presidente Hindenburg, cuja morte conferiu poderes absolutos a Hitler, até então primeiro-ministro, ele ordenou que uma orquestra executasse fragmentos de "O Crepúsculo dos Deuses". Depois, encerrou a oração fúnebre com as palavras: "Vós, general morto, entrai agora no Walhalla". Decididamente, ele nunca entendeu a Tetralogia..

RESTAURANTE CAMELOT

A la carte de segunda a domingo.
das 19:00 às 23:00.
Entrada, prato principal,
sobremesa,petit four e café.
R$ 15,00 por pessoa.

Nhoque da Fortuna

Todo dia 29 de cada mês.
Os participantes ganham
uma nota de 1 dolar.
R$ 6,50 por pessoa.

RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ SIR LANCELOT

A la carte de segunda a domingo.
Chá da tarde diariamente
das 15:00 às 18:30 .
Sábados buffet especial.
R$ 8,00 por pessoa.

Noite Italiana

Às sextas-feiras buffet especial e
música ao vivo das 19:00 às 23:30.
R$ 17,50 por pessoa

Merlin Copacabana Hotel
Av. Princesa Isabel ,392
Reservas e informações - tel: 542-6239

Um excepcional encontro de talentos

Uma reunião dos três grandes nomes da música - acompanhados pela mais importante orquestra do mundo - está chegando este mês em uma oferta especial para assinantes **VivaMúsica!**. Sergei Prokofiev é o compositor, Evgeny Kissin é o solista e Claudio Abbado é o regente à frente da Filarmônica de Berlim, em uma gravação com o selo Deutsche Grammophon lançada na Europa em dezembro passado. As obras são os "Concertos para Piano e Orquestra nº 1 em ré bemol maior op. 10 e nº 3 em dó maior op. 26". A primeira obra foi gravada em estúdio, mas a segunda foi gravada ao vivo, na Grosser Saal da Philharmonie, em Berlim, em setembro de 1993.

Segundo David J. Fanning, da revista "Gramophone", este CD oferece "duas das mais satisfatórias performances de Prokofiev" que ele já ouviu. O crítico diz ainda que a interpretação de Kissin fica ligeiramente aquém da gravação Decca dos anos 70 com Vladimir Ashkenazy, "mas a gravação DG é mais clara que a Decca de quase 20 anos atrás, e Abbado e a Filarmônica de Berlim são muito superiores a Zubin Mehta e a Filarmônica de Israel", que acompanham Ashkenazy na outra gravação. Segundo a revista "CD Classic", a gravação tem "uma fagulha de raro frescor para saborearmos".

O milanês Claudio Abbado, 61 anos, sucessor de Herbert Von Karajan à frente da Filarmônica de Berlim, tem um currículo invejável. Tendo cumprido sua educação musical basicamente em Milão e Viena, Abbado ocupou cargos importantíssimos como o de diretor musical da orquestra do La Scala de Milão. Esteve à frente ainda da Filarmônica de Viena, da Sinfônica de Londres e da Ópera de Viena, além de convidado em inúmeras outras orquestras, principalmente a de Chicago. Suas especialidades são a música romântica do século XIX e a música do século XX. Também no final do ano passado lançou sua primeira gravação de uma ópera de Wagner, "Lohengrin", à frente da Filarmônica de Viena e do Coro da Ópera de Viena.

Já o moscovita Evgeny Kissin, de apenas 23 anos, iniciou uma carreira internacional aos 13 anos, arrebatando os públicos com um repertório basicamente entre o romântico e o século XX. Na tradição dos grandes pianistas russos, Kissin tem a seu crédito gravações excepcionais, como a da "Sonata nº 3" e das "Mazurcas" de Chopin feitas no

Carnegie Hall em Nova Iorque, lançadas pelo selo Red Seal, da RCA.

Sergei Prokofiev (1891-1953) nasceu perto de Moscou e entrou para o Conservatório de São Petersburgo com apenas 14 anos, revelando grande talento para o piano e a composição. Exilado em 1918, Prokofiev viveu nos Estados Unidos, França e Alemanha compondo a parte mais importante de sua obra. A partir do final da década de 20, começou a se reaproximar da União Soviética, para onde mudou-se definitivamente em 1936. Até sua morte, quase 30 anos depois, ele não deixou seu país, vivendo o pior do período stalinista e morrendo na quase obscuridade, apesar de ainda ter criado obras importantes como o balé "Romeu e Julieta", a "Sinfonia nº 5" e a "Sinfonia Concertante".

O "Concerto para Piano e Orquestra nº 1" é uma obra de juventude, estreou em 1912, quando o compositor tinha apenas 21 anos, e é também bastante curto, com uma duração em torno dos 14 ou 15 minutos. A interpretação de Evgeny Kissin, gravada em estúdio, é perfeita em seu entusiasmo e lirismo dosados nas medidas e nas ocasiões corretas. Por outro lado, o "Concerto nº 3" é de uma época mais madura de Prokofiev, 1921, quando ele já estava no exílio. Apesar disso, partes do concerto foram compostas bem antes. O "Andante", por exemplo, estava anotado desde 1913. A obra estreou em Chicago, sem muito sucesso, e a segunda apresentação, em Nova Iorque, foi um fracasso. Na Europa, porém, e desde então, ele tornou-se o mais popular dos concertos do compositor russo. Nesta gravação ao vivo do "Concerto nº 3", Evgeny Kissin e Claudio Abbado dão um show de técnica e sensibilidade, o que fez com que um crítico da revista "CD Classic" a considerasse "soberba".

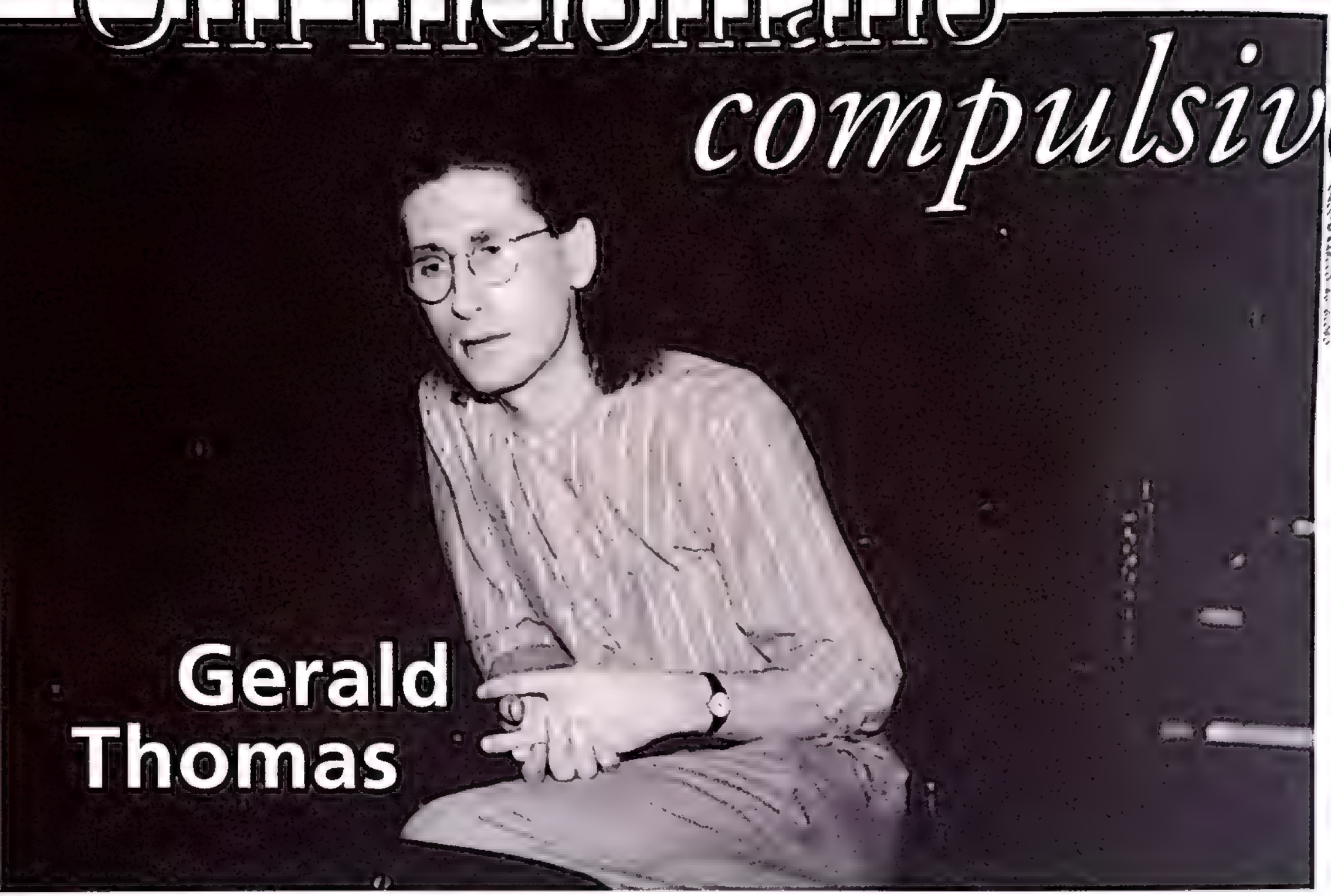
KISSIN é o solista dos concertos de Prokofiev

Como comprar

O "CD do mês" está disponível apenas para assinantes da revista **VivaMúsica!**, por R$ 20,00. Todos os pedidos podem ser feitos pela nossa Central de Atendimento (tel.: 021 253-3461). Basta ligar, dizer o seu número de assinante e escolher como receber o CD. O pagamento pode ser feito em cheque ou dinheiro. Caso você ainda não seja assinante da revista, é só entrar em contato conosco que teremos o maior prazer em lhe enviar uma ficha de assinatura.

ABBADO rege CD do mês

Um melômano *compulsivo*



Gerald Thomas

THOMAS transforma música em cena

"Música sempre teve o papel mais importante no meu trabalho. Desde pequeno, desenvolvi um sistema de deitar entre as duas caixas e colocar o som no máximo. Muito antes de fazer teatro, eu me deixava levar pelas visões que a música provocava. Aos poucos, fui transformando tudo isso em cenas, em ações. Quando já tinha uma carreira de teatro estabelecida, comecei a dirigir óperas que iam do "Navio Fantasma", de Wagner, a "Perseu e Andrômeda", de Salvatore Sciarrino, um experimentalista italiano, até um trabalho realmente "moderno" com o compositor Beat Furrer, na ópera de Graz, Áustria. No início desta jornada operística, que hoje me ocupa oito meses por ano, comecei a prestar atenção na estrutura que um compositor usa para compor. Entendi os conceitos dos *leitmotifs* que Wagner imprimiu e isso me foi de uma utilidade sem preço, pois hoje monto espetáculos inteiros baseados numa estrutura musical que respira, da mesma forma que um compositor concebe as nuances musicais em uma sinfonia ou ópera.

Estou fazendo uma parceria interessante com Luciano Bério, que está completando uma ópera incompleta de Mozart, "Zaide", para as Óperas de Firenze, Praga, Bruxelas, Paris e Strasbourg no período de junho a setembro de 95. Já entrei em ensaios de "Doktor Faustus", de Busoni, para estrear em outubro na mesma ópera de Graz e um "Tristão e Isolda" para Weimar, em 96. Dessa forma, levo a vida que pedi a Deus. Meu tempo é devotado (e pago) para transitar por aqueles que, de uma forma ou de outra, eu estaria ouvindo em casa, enfurnado entre duas caixas de som, sonhando em, um dia, ter algo a ver com a música.

Antes de listar os onze compositores que mais me tocam, algumas observações. Uma das maiores emoções da minha vida foi ouvir a pianista brasileira Eunice Katunda tocar "Rudepoema", de Villa-Lobos. Outra foi ouvir o compositor Brian Ferneyhough tocar o "Exercício número 3", de Varese, numa sala de aula do Hunt's College, em Londres. No meu dossiê musical, não incluo Mozart, Chopin, Prokofiev, Bartók ou Dvorák, pois a lista não teria fim."

Wagner
Dele, tudo, mas principalmente "Parsifal", pois a música é desenvolvida com toda experiência que Wagner desenvolveu em cinquenta anos de composição. Sente-se a dinâmica da música pelo lado praticamente psicológico dela. Fica claro que o esforço do personagem principal está construído musicalmente e, sem querer, Wagner esbarrou naquilo que Stravinski, meio século mais tarde, veio a chamar de "dinâmica nata". "Crepúsculo dos Deuses" é o resumo e o cúmulo de uma tetralogia que une a música a uma ação física como poucas óperas em existência. Seu fim é a tragédia total, física, moral e poética. "Tristão e Isolda", por mais fácil ou comercial que possa parecer para uma platéia mais elitista, é o início de um longo namoro entre Wagner e os escritos de Schopenhauer. Quanto ao regente, já tive brigas físicas com amigos por escolher Herbert von Karajan. Ele soube ver o lado "pop" do compositor e usou técnicas de gravação que possibilitaram isso. Karajan ralentou Wagner e duplicou o naipe de baixos e cellos, o que, na minha opinião, foi de uma clareza incrível.

Beethoven
Meu trecho favorito de todas as sinfonias é o segundo movimento da "Sétima". De todas as gravações que tenho, prefiro a de Bruno Walter, de longe o melhor maestro para Beethoven. A "Pastoral" mudou a forma de se pensar até a pintura, pois trouxe o impressionismo para perto dos nossos ouvidos. Recomendo a gravação definitiva da "Serenata ao Luar", com Daniel Barenboim. E a melhor gravação da música coral de Beethoven fica com a Academia de Saint Martin-in-the-fields. Das sinfonias aos quartetos de cordas ou sonatas, Beethoven foi o maior de todos. Só não chegue perto de sua ópera ("Fidelio") e de sua vida particular. Devemos nos afastar de sua biografia e de um filme horrível que anda circulando por aí, chamado "Immortal Beloved".

"Já briguei com amigos por escolher Karajan o melhor regente de Beethoven"

Shostakovich
Qual sinfonia? Difícil dizer, mas eu roubaria a "Oitava", com regência de Bernard Haitink, ou a "Quinta", com Leonard Slatkin. Shostakovich já começou a trabalhar no ritmo mental contemporâneo, do cinema, do cidadão que se move entre grandes massas metropolitanas. Ele vem a ser o criador de climas mais imitado por Hollywood.

Arnold Schönberg
"Verklärte Nacht", com regência de Pierre Boulez, e "Erwartung", com Carlos Kleiber, são as peças que mais me movem. Adoro este período todo, de Alban Berg até Ferrucio Busoni e Debussy.

Luigi Nono
("Fragmente-Stile An Diotima"),
György Ligeti
("Nouvelles Aventures") e
Luciano Berio
("Sinfonia")
Compositores que podem ser chamados de os grandes "aglomeristas", ou pós-modernistas, por falta de um termo melhor. São eles que transformaram a música numa experiência às vezes dura de engolir.

Bach
O matematismo da sua música me irrita, às vezes. Gosto do fato das notas não significarem nada além de notas e que a música é um instrumento de conversa entre os humanos e Deus. Amo o segundo movimento (Adagio) do "Concerto para Violino em Mi".

Cesar Franck
"Sinfonia em Ré menor", com regência de Leonard Bernstein, música que pontuou o meu espetáculo "Um Processo".

Schubert
"Sinfonia número 9", com regência de Georg Solti. Essa sinfonia me deixa histérico, dando voltas pela casa. A mesma histeria quando ouço Gustav Mahler. Fora a Sinfonia número 5, um *must* na prateleira de todo mundo, seu piano falava a melhor das línguas musicais.

Philip Glass
Talvez eu seja suspeito para dar opiniões sobre meu melhor amigo. Mas, antes de mais nada, este é o grande compositor do século vinte. Na minha opinião, suas melhores obras são "Einstein on the beach", "Music in twelve parts", "Satyagraha", "Glassworks", "Simphony number 2" (ainda sem gravação) e "Koyaniskatsy". Desculpe usar arrogância pessoal aqui, mas o melhor de Philip não está nos discos e sim numa noitada em sua casa, quando ele senta ao piano e toca sua última composição. Suas composições estão tomando um aspecto mais nervoso e mais oratorial, como em "The Canyon" e "Itaipu". ■

RIOARTE LANÇA CLÁSSICOS

A prefeitura do Rio, através da Divisão de Música da RIOARTE, anuncia para o mês de março o lançamento de uma série de CDs dedicados exclusivamente à música clássica. No repertório da série dirigida por Guilherme Bauer, produzida por Eduardo Monteiro e supervisionada por Maria Júlia Pinheiro, a música brasileira de concerto desde o século 18 até os dias de hoje. Maiores informações no próximo número de VivaMúsica!

OSB 95

Nenhum concerto da Orquestra Sinfônica Brasileira em 1995 contará com a regência de Isaac Karabtchevsky, que agora é regente-titular da Orquestra do Teatro La Fenice de Veneza. Sob a chancela da Sul América Seguros, os doze concertos das séries vesperal e noturna da orquestra terão quatro regentes convidados, entre eles o atual diretor-adjunto da OSB, maestro Roberto Tibiriçá. A série vesperal abre dia 1º de abril, às 16h30, com o pianista Arnaldo Cohen interpretando o Concerto nº 5 ("Imperador") de Beethoven. Já a série noturna terá início dia 24 de abril, às 19h30, com Nelson Freire como solista do Concerto nº 2 de Brahms. Informações e vendas de assinaturas das séries na própria sede da OSB, Av. Rio Branco, 135/ salas 915 e 920. Os telefones são 222-4592 e 222-5842.

VIVA VIVANTE!

Uma das personalidades mais queridas e respeitadas do cenário musical carioca, o maestro André Vivante, morreu em janeiro no Rio. Natural de Veneza , o italiano Vivante tornou-se um de nossos mais importantes preparadores de cantores de ópera, tendo atuado no Metropolitan Opera House (NY) e no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. "André era de uma família nobre, advogado de formação, muito culto e inteligente. Conhecia não apenas o italiano, mas também o francês, alemão e inglês", conta o barítono Paulo Fortes, que estudou com o maestro e participou de várias óperas regidas por ele, como "Lucia di Lammermoor" e "Don Pasquale". Sua erudição também é louvada pelo tenor Paulo Barcelos, que não chegou a estudar com Vivante, mas admirava seu trabalho. "Além de excelente pianista e regente, preparava os artistas para óperas em vários idiomas ", relembra Barcelos. "Todos os grandes cantores do Teatro Municipal do Rio de Janeiro passaram pelas mãos de Vivante, como Violeta Coelho Neto de Freitas e Clara Marisi", complementa o barítono. Nos últimos dois anos, André Vivante se encontrava na Europa, e chegara há apenas 15 dias no Brasil, quando faleceu por problemas renais.

ZILBERSTEIN toca no Rio em junho

Série Dell'Arte
traz oito atrações internacionais

A Série Dell'Arte - que em sua edição 1994 trouxe ao Brasil artistas como Mitislav Rostropovich, Les Arts Florissants e I Musici - está com sua programação praticamente completa para 1995, e as assinaturas já estão sendo vendidas. A grande atração prevista é sem dúvida a Academy Saint Martin-in-the-Fields, de Londres, regida por seu criador, um dos mais conhecidos maestros ingleses, Sir Neville Marriner. A orquestra, que se dedica principalmente à música do século XVIII - especialmente à música de Mozart - se apresenta no Teatro Municipal do Rio de Janeiro no dia 21 de agosto.

A abertura da Série Dell'Arte 1995 acontece no dia 3 de abril, com a Orquestra de Câmara de Praga. No dia 8 de maio é a vez de Vladimir Spivakov e seus Virtuoses de Moscou. A atração de 19 de junho é a jovem pianista Lilya Zilberstein, artista premiada pela revista "Deutsche Grammophon" e que já se apresentou com a Filarmônica de Berlim, regida por Claudio Abbado. A noite brasileira, que acontecerá em julho, é a única que ainda não tem nome definido. Depois da apresentação da Saint Martin-in-the-fields em agosto, será a vez do premiado Quarteto de Tokyo no dia 11 de setembro, seguido pelo trio Ars Antiqua de Paris, especializado em música barroca e renascentista, no dia 18 do mesmo mês. A Orquestra e o Coro da Fundação Gulbenkian, regidos por Michel Corboz, apresentam-se no dia 4 de outubro. O encerramento da Série acontece no dia 18 de novembro com a Orquestra de Câmara de Salzburgo, fundada e dirigida por um brasileiro radicado na Áustria - com o nome pouco brasileiro de Lavard Skou Larsen - e que está causando sensação na Europa.

As assinaturas para a Série Dell'Arte já estão à venda. As frisas e os camarotes custam R$ 2 mil e 700; platéia e balcão nobre, R$ 450; balcão simples, R$ 285; e galeria, R$ 165. O pagamento pode ser feito à vista ou em três parcelas, em cheque, dinheiro ou com cartão de crédito Nacional Visa. A Dell'Arte também oferece serviços de entrega de ingressos a domicílio e transporte especial até o Teatro Municipal. Os microônibus saem de determinados pontos da cidade. O telefone para informações sobre estes serviços é 285-3733 (atendimento de segunda a sexta, de 9h às 18h).

MEHTA rege duas orquestras na Globo (*dia 13*)

PROGRAMAÇÃO NA TV

TV GLOBO

CONCERTOS INTERNACIONAIS.
Segunda-feira, após o Jornal da Globo.
Apresentação do maestro Diogo Pacheco, direção de Fernando Gueiros e produção de Djalma Régis.

DIA 6 - "Ricardo Muti Rege Strauss".
Valsas de Johann Strauss, com a Orquestra Filarmônica de Viena.

DIA 13 - "Filarmônicas de Berlim & Israel".
Encontro das duas orquestras, sob a regência de Zubin Mehta. Gravado ao vivo em Tel-Aviv. Programa: "Salmo" de Paul Ben Haim, "Concertino para clarinete e orquestra" de Weber (solista Sharon Kan), "La Valse" de Ravel, "Rondo Capriccioso para violino e orquestra" de Saint-Säens (solista Viviane Hagner, de 15 anos de idade) e "Sinfonia nº 5" de Beethoven.

DIA 20 - "Spirituals in Concert"
Jessye Norman e Kathleen Battle interpretam Negro Spirituals, acompanhadas por James Levine.

MULTISHOW

Disponível para assinantes Globosat e NET

SUPERCLÁSSICOS
Domingo, às 21h.

DIA 5 - "Don Giovanni" de Mozart.
Gravada no Scala de Milão, com Thomas Allen, Cláudio Desderi e Sergei Kopchack, regência de Ricardo Muti.

DIA 12 - "Andrea Chenier" de Giordano
Gravada no Royal Opera House de Londres, com Placido Domingo, Giorgio Zancanaro e Anna Tomowa-Sintow, regência de Julius Rodel.

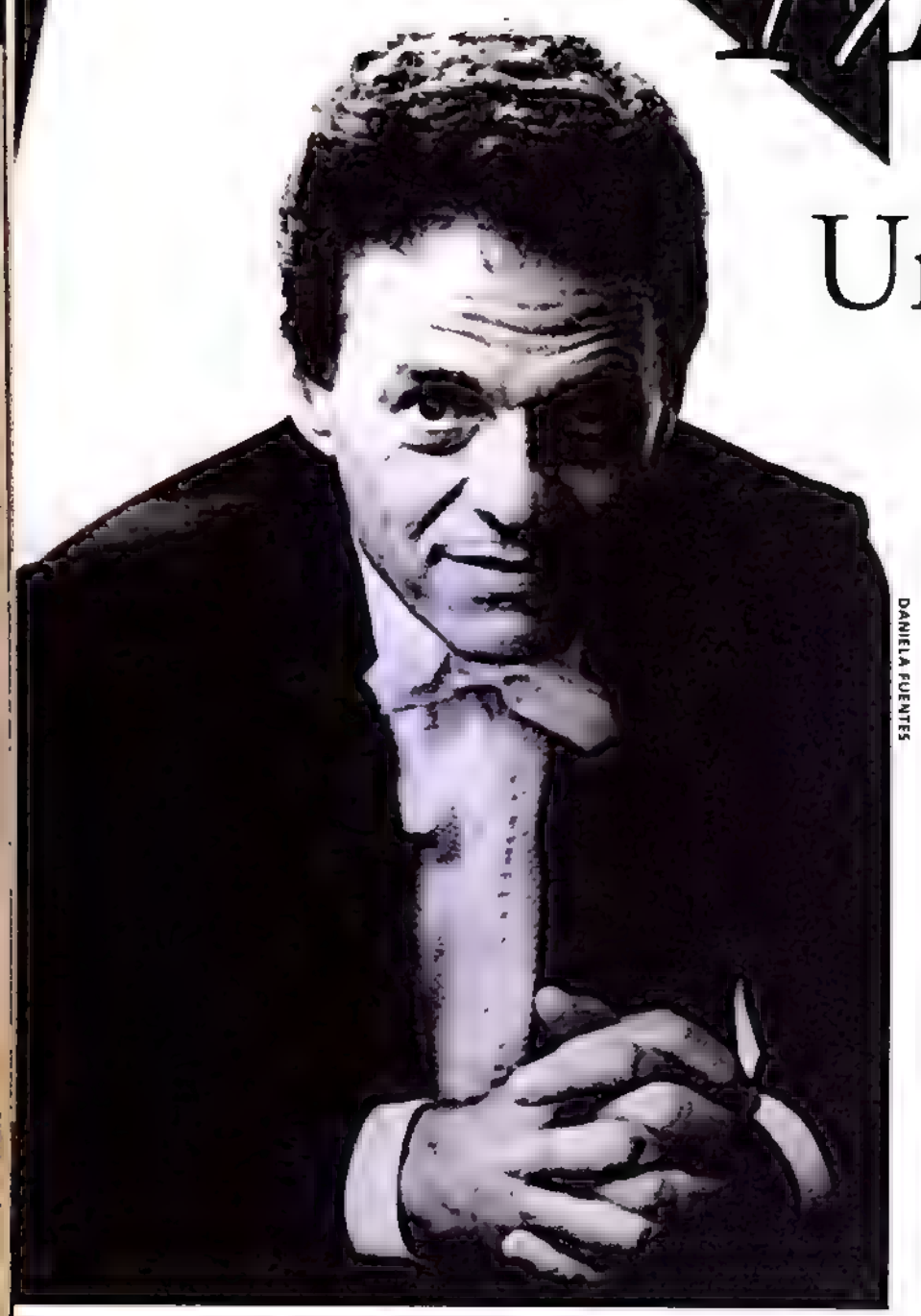
DIA 19 - "CICLO WAGNER: O Anel do Nibelungo - Siegfried".

DIA 26 - "I Due Foscari" de Verdi.
Gravada no Scala de Milão, com Renato Bruson, Alberto Cupido e Linda Roak-Strummer, regência de Gianandrea Gavazzenia.

Informações para publicação nesta coluna podem ser enviadas até o dia 5 do mês anterior à circulação, aos cuidados de Débora Queiroz.

Miguel Proença

Um pianista que nunca pára



DANIELA FUENTES

MIGUEL PROENÇA: "Prefiro não depender de ninguém"

O pianista Miguel Proença é uma pessoa inquieta no melhor sentido da palavra. Aos 54 anos, este gaúcho de Quaraí radicado no Rio de Janeiro há muitas décadas, dedica-se de todas as formas à tarefa de formar novos públicos para a música clássica. "Sinto nas minhas turnês por todo o Brasil que o público está crescendo, que ele está finalmente descobrindo uma música que desconhecia", diz o pianista. "Na verdade, os brasileiros sempre tiveram muita curiosidade, o que muitas vezes falta é oportunidade e informação". E é justamente para preencher esta lacuna que Proença não pára, visitando dúzias de cidades pelo estado do Rio de Janeiro e por todo o Brasil. "Fiquei muito emocionado com a receptividade que tive na região em torno da represa de Itaipu, onde toquei perto das antigas Sete Quedas", lembra.

A inquietação de Miguel Proença não é recente. O pianista que começou a estudar ainda no Rio Grande do Sul veio cedo para o Rio de Janeiro, onde estudou com o grande mestre Homero Magalhães. Ganhou em seguida um prêmio que resultou em uma bolsa para completar seus estudos na Alemanha, onde ficou cerca de seis anos entre Hannover e Hamburgo. "Tive professores excelentes por lá, como Eliza Hansen". De volta ao Rio não parou de trabalhar, tocou com grandes nomes internacionais como o flautista Jean-Pierre Rampal e o violinista Salvatore Accardo, mas dedicou-se realmente com entusiasmo ao repertório brasileiro.

"Tenho a maior discografia de música brasileira para piano no mundo", diz. "São 25 discos, dois gravados fora, e um trabalho muito importante com as obras de Alberto Nepomuceno e Lorenzo Fernandez, apenas para citar dois compositores brasileiros". De fato, Proença gravou também Ernesto Nazareth, Radamés Gnatalli, Edino Krieger, Villa-Lobos, Camargo Guarnieri, Fructuoso Viana, além de compositores estrangeiros do repertório internacional. "É preciso apresentar ao público estes grandes nomes do Brasil".

Sempre imbuído de seu espírito de animador cultural, foi diretor da Sala Cecília Meireles entre 1984 e 1987, e secretário de Cultura da prefeitura do Rio de Janeiro em 1988. Teve também um programa na Rádio MEC chamado "A arte do piano" e fundou uma gravadora e produtora independente, a Arsis. "Hoje faço tudo com a minha equipe e tenho a agenda lotada. Prefiro levar meu piano para um lado e para o outro no meu próprio caminhão e não depender de ninguém. Cansei do mundo meio viciado dos empresários que não dão ao artista brasileiro o respeito que ele merece, que não programam certos nomes por preconceito".

Ainda agora, Miguel Proença se anima com os concertos que tem programados para Búzios, onde tem uma casa, e até para o Egito. "Gosto de conhecer lugares diferentes, pessoas novas que desejam entrar em contato com a música clássica. Sei que elas estão por toda parte, sem receber a atenção devida. Por isso minha ênfase total à formação das audiências, por isso lamento tanto o fim da rádio Opus 90, e por isso acredito que o Brasil vai melhorar quando a formação cultural do povo for levada a sério". ■

VÍDEO

AUDITÓRIO MURILO MIRANDA DA FUNARTE
Av. Rio Branco, 179/8º andar - Centro
Tel: 220-0400
**Auditório com 80 lugares. Sessões de segunda a sexta, às 18h30. Entrada Franca.*

DIA 13 - "The Love of the Three Oranges" de Prokofiev. Com a Orquestra Filarmônica de Londres.

DIA 14 - "L'Orfeo" de Monteverdi. Com a Ópera Estadual de Zurique, regência de Nikolaus Harnoncourt e direção teatral de Jean Pierre Ponnelle.

HARNONCOURT na Funarte (*dia 14*)

DIA 15 - "Hansel e Gretel" de Humperdinck. Montagem do Metropolitan Opera House, com Judith Blegen e Frederica Von Stade.

DIA 16 - "I Lombardi" de Verdi. Montagem do Teatro Alla Scala de Milão, com José Carreras e Ghena Dimitrova.

DIA 17 - "Elektra" de Richard Strauss. Montagem do Metropolitan Opera House, com Birgit Nilsson e Leonie Rysanek

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL
Rua Primeiro de Março, 66 - Centro
Tels: 216-0223 / 216-0626
** Sala de vídeo com 48 lugares.*
Sempre às terças-feiras em duas sessões : 15h e 18h30. Entrada franca, com distribuição de senhas 30 minutos antes da sessão. As sessões de ópera são comentadas pelo escritor Victor Giudice.

DIA 7 - "Julius Caesare" de Handel. Com Dame Janet Baker, Valerie Masterson e James Bowman. English National Opera, Londres, regência de Sir Charles Mackerras (180 minutos, sem legendas, gravação de 1984).

DIA 14 - "Fidelio" de Beethoven. Com Elisabeth Söderström e Elizabeth Gale. Festival de Glyndebourne, com a Orquestra Filarmônica de Londres, sob a regência de Bernard Haitink (130 minutos, legendas em inglês, gravação de 1979).

DIA 21 - "O Morcego" de Johann Strauss. Com Eberhard Wachter, Pamela Coburn e Brigitte Fassbaender. Bavarian State Opera, regência de Carlos Kleiber (154 minutos, legendas em inglês, gravação de 1987).

CENTRO CULTURAL PASCHOAL CARLOS MAGNO
Rua Lopes Trovão, s/nº / 2º andar
Campo de São Bento - Icaraí - Niterói
Tel: 717-7430
Todas as quartas-feiras, às 20h.
** Sala de vídeo com 60 lugares. Entrada Franca*

DIA 1 - "Simon Boccanegra" de Verdi. Sherrill Milnes / Anna Tomowa-Sintow / James Levine / Metropolitan de Nova York.
Legendado em inglês.
Duração: 185 min.

TOMOWA-SINTOW canta Verdi em Niterói (*dia 1*)

DIA 8 - "Andrea Chenier" de Giordano. José Carreras / Eva Marton /Piero Cappuccilli / Ricardo Chailly / Teatro Alla Scala.
Duração: 120 min.

DIA 15 - "L'Elisir D'Amore" de Donizetti. Luciano Pavarotti / Judith Blegen / Sesto Beuscantini / Nicola Rescigno / Metropolitan de Nova York. Duração: 128 min.

DIA 22 - "Aida" de Verdi. Maria Chiara / Luciano Pavarotti / Ghena Dimitrova / Nicolai Ghiaurov / Lorin Maazel / Teatro Alla Scala.
Duração: 150 min.

CURSOS

Em fevereiro, os Seminários Pro-Arte oferecem os seguintes cursos individuais:

FLAUTA TRANSVERSA:
Professor Carlos Alberto Rodrigues.
Quartas-feiras (Horário a combinar, entre 8h e 21h)
Preço: R$ 78,00

VIOLÃO E GUITARRA:
Professor Beto Rezende.
Segundas-feiras (Horário a combinar, entre 13h e 20h)
Preço: R$ 78,00

VIOLÃO:
Professor Henrique Lisovsky.
Terça e/ou quinta (Horário a combinar, na parte da manhã)
Preços:
R$72,28 (1 aula semanal);
R$ 144,56 (2) e
R$ 198,79 (3).

VIOLÃO:
Professor Fred Schneiter.
Terças-feiras (Horário a combinar, entre 8h e 21h)
Preço: R$ 78,00

SAXOFONE:
Professor Fernando Trocado.
Quintas-feiras (Horário a combinar, entre 14h e 20h)
**É necessário que o aluno possua o instrumento.*
Preço: R$ 56,00

PIANO:
Professor Breno Marquez de Sá.
Segundas, terças e quartas (Horário a combinar, entre 13h e 19h)
Preço: R$ 78,00
Maiores Informações com a Pro-Arte (Tel: 245-0684)
Rua Alice, 462 - Laranjeiras.

1ª RECICLAGEM PARA PROFESSORES DE PIANO DA BAIXADA FLUMINENSE
13 A 17 DE FEVEREIRO
ACADEMIA DE MÚSICA DE NOVA IGUAÇU
Rua Sebastião Herculano de Matos, 72 - Centro - Nova Iguaçu - CEP 26255-2200.
Tel 767-7426
Inscrições: 1º a 10 de fevereiro, na sede da academia.
Preço: R$ 65,00 (por todas as atividades)
A Reciclagem abrange: aula de música popular com Paulo Malaguti (tecladista e pianista); palestra com Glauco Batista (pianista); oficina de manutenção e afinação de piano com Júlio César; oficina de musicalização com Luiz Paulo Castro Santos; palestra sobre o aprendizado de música para crianças com Daniele Goldrajch; aulas de literatura do piano: desde o cravo até a música contemporânea e oficina de leitura de partitura a primeira vista com Maria Tereza Madeira (pianista); e palestra sobre o método Suzuki de aprendizagem instrumental. Além dos cursos, o evento inclui exibições de vídeos e audições de discos clássicos.

** Datas e programações de concertos, cursos e sessões de vídeo são fornecidas pelos próprios promotores, que são os responsáveis por quaisquer mudanças. Informações para esta coluna podem ser enviadas até o dia 5 do mês anterior à circulação, aos cuidados de Débora Queiroz.*

DISCOS BRASILEIROS

QUADRO CERVANTES.
Clarice Szajnbrum, voz e percussão / Veruschka Bluhm Mainhard, flauta e voz / Helder Parente, alaúde, harpa e voz / Nicolas de Souza Barros, viola de gamba, sopros e voz. CD comemorativo dos 20 anos do conjunto, reunindo 28 músicas dos períodos medieval, renascentista e barroco, incluindo autores como Alonso de Mudarra ("Triste estaba el Rey David"), Antonio da Silva Leite, Marcos Portugal e Padre José Maurício, além de obras de autores anônimos como as "Cantigas de Santa Maria". Produzido pela Brascan. Informações pelos telefones: (021) 293-4263 ou (011) 286-6901.

JOSÉ MAURÍCIO NUNES GARCIA.
"Matinas do Natal", "Miserere", "Popule Meus", "Judas Mercator Pessimus" e "Domine tu mihi lavas pedes".Coro de Câmera Pro-Arte / Carol McDavit, soprano / Clarisse Szajnbrun, soprano / Deina Melgaço, mezzo-soprano / José Paulo Bernardes, tenor / Inácio de Nonno, barítono / Rosana Lanzelotte, órgão / José Guilherme F. de Miranda, cello / Carlos Alberto Figueiredo, regente. Edição independente dos Seminários de Música Pro-Arte.

** Os pedidos podem ser feitos pelo correio, mediante depósito da quantia de R$ 20,00 por CD, no Banco Bradesco, agência 0447-2 (Laranjeiras), C/C 43.405-1, e enviando seu pedido e cópia do recibo do depósito bancário para Pro-Arte. Retirando o CD diretamente na Pro-Arte, o preço é de R$ 17,00 por disco. O endereço é Rua Alice, 462, Laranjeiras, CEP 22241-020, RJ / Tel: (021) 245-0684.*

CRAVO ROMÂNTICO DE FRANÇOIS COUPERIN.
Último lançamento de Roberto de Regina. Gravado na Capela Madalena. Produzido pela Editora Paulus (SP). Informações:(021) 240-1330 (Rio deJaneiro) ou (011) 607-9524 (São Paulo).

RUDEPOEMA - O PIANO DE AMARAL VIEIRA.
Obras: LISZT, "Étude en 12 exercices, S.136"; CHOPIN, "Andante Spinato et Grande Polonaise Brillante, op. 22"; e VILLA-LOBOS, "Rudepoema". **Amaral Vieira, piano.**
Lançamento do Selo Velas *

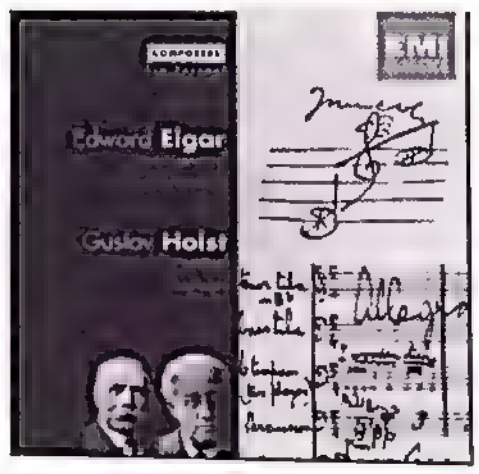
TRIBUTO A NERUDA:
"Poemas de amor y una canción desesperada". Versos de Pablo Neruda e música de Amaral Vieira. **Eloisa Baldin, soprano & Amaral Vieira, piano.**
Lançamento Velas*

AVE LIBERTAS.
Obras para piano a quatro mãos. AMARAL VIEIRA, "Grande Sonata Sinfônica, op. 180"; NEUKOMM, "Marche Triumphale"; ALEXANDRE LEVY, "Fantasia Brilhante op. 2 sobre temas da ópera O Guarani de Carlos Gomes";LEOPOLDO MIGUEZ, "Ave, Libertas! op. 18". **Yara Ferraz & Marina Brandão.**
Lançamento Velas*.

** Informações sobre os lançamentos do selo Velas podem ser obtidas pelos telefones: (021) 322-1646 ou (021) 512-2629.*

MÚSICA SINFÔNICA

BARTÓK.
"Concerto para Orquestra" e "Miraculous Mandarin". **Boston Symphony Orchestra / Tangle Wood Festival Chorus / Seiji Ozawa.**
Philips Classics / Polygram. CD 442783-2
Importado



ELGAR.
"Concerto para violino, op. 61" e "Concerto para violoncelo, op. 85". **Yehudin Menuhin / Beatrice Harrison / London Symphony & New Symphony Orchestra / Sir Edward Elgar.** Gravações de 1932 e 1928 remasterizadas.
Serie "Composers in Person"
EMI Classics CDC 5552212
Importado.

VILLA-LOBOS.
"Viola", "Cantilena", "Trenzinho do Caipira", "Momoprecoce", "Bachianas Brasileiras números 4 e 5", "Choros nº 10". **Victoria de Los Angeles / Magda Tagliaferro / Frederick Fuller / French National Radio Orchestra / Regente: Heitor Villa-Lobos.** Gravações de 1948 e 1957. Série "Composers in Person".
EMI Classics CDC 5552242
Importado.

MÚSICA DE CÂMARA

MOZART.
"Trios para piano: em mi K 542, em si bemol K 502, em sol K 564 e em dó K 548". **Beaux Arts Trio.**
Philips Classics / Polygram. CD 446155-2
Importado.

SCHUBERT.
"Quinteto para piano em lá - 'A Truta', op. 144, D. 667". e "Trio para piano em si bemol, op. 99, D. 667". **Beaux Arts Trio / Samuel Rhodes / Georg Hortnagel.**
Philips Classics / Polygram. CD 446363-2
Importado

Vários Autores

HAYDN / HUMMEL:
"Concertos para trompete"/
ALESSANDRO MARCELLO:
"Concerto para oboé", em arranjo para trompete de I.J.Hertel. **Maurice Andre / Orquestra de Câmara Franz Liszt / János Rolla.**
EMI Classics CDC 5552312
Importado.

LISZT.
"Grande Duo Concertante".
SCHUBERT.
"Trockene Bolmen".
ERNST.
"Der Erlkönig".
Gidon Kremer / Maisenberg.
Deutsche Grammophon / Polygram. CD 445820-2.
Importado

TCHAIKOVSKY.
"Concerto para violino, op. 35".
SIBELIUS.
"Concerto para violino, op. 47". Kyung-Wha Chung / London Symphony Orchestra / Andre Previn.
Decca/London/Polygram. CD 425080-2.
Importado.

INSTRUMENTOS

BEETHOVEN.
"Sonatas para piano: nº1 (em fá menor, op. 2 nº 1), nº 2 (em lá, op. 2 nº2) e nº 3 (em dó, op. 2 nº3)". Alfred Brendel.
Philips Classics / Polygram. CD 442124-2.
Importado

ÓPERA

MOZART.
"La Clemenza de Tito" (ópera completa). Cecilia Bartoli / Academy of Ancient Music / Christopher Hogwood.
L'Oiseaux-Lyre/Polygram. 2 CDs 444131-2.
Importado.

MOZART.
"Le Nozze de Figaro" (ópera completa). Thomas Hampson / Charlotte Margiono / Barbara Bonney / Nederlandse Opera Chorus / Royal Concertgebouw Orchestra / Nikolaus Harnoncourt
Teldec / Warner. CD 450990861-2.
Importado.

MOZART.
"Le Nozze de Figaro" (extratos da ópera). Andreas Schmidt / John Tomlinson / Joan Rodgers / Lella Cuberli / Cecilia Bartoli / Rias Kammer Chor / Filarmônica de Berlim / Daniel Barenboim.
Erato / Warner. CD 450994822.
Importado.

RIMSKY-KORSAKOV.
"Sadko". (ópera completa). Vladimir Galusin / Valentina Tsidipova / Kirov Opera Chorus & Orchestra / Valery Gergiev.
Philips Classics / Polygram. 3 CD's 442138-2
Importado

Coletâneas

ALFREDO KRAUSS: ÁRIAS.
Obras de OFFENBACH (Os Contos de Hoffman), CILÈA, DONIZETTI, GOUNOD, LALO, MEYERBEER, DELIBES e RICHARD STRAUSS. The Welsh National Opera Orchestra / Carlo Rizzi.
Philips Classics / Polygram. CD 442785-2.
Importado.

SPEAK LOW
Canções de KURT WEILL. Anne Sophie von Otter / Bengt Sorsberg / NDR-Sinfonierorchester / John Eliot Gardiner.
Deutsche Grammophon / Polygram. CD 439894-2.
Importado

CANTO CORAL

HANDEL.
"Hallelujah - Famous Handel Choruses". Consentus Musicus Wien / Nikolaus Harnoncourt.
Teldec / Warner. CDC 450995498-2
Importado.

Preciosidades da MEC *em* CD

Com o lançamento do projeto **Arquivo Vivo**, a rádio MEC começa a promover um verdadeiro "Abre-te Sésamo" em seu precioso arquivo sonoro. A série de 12 CDs começa com o disco " Radamés & Aída interpretam Nazareth & Gnatalli" e faz a felicidade do amante da boa música, que poderá enriquecer sua discoteca com importantes gravações realizadas nos estúdios da emissora durante as últimas décadas. São jóias da música clássica brasileira, há anos confinadas aos armários da MEC em condições deficientes de conservação, agora com a pureza do som digital.

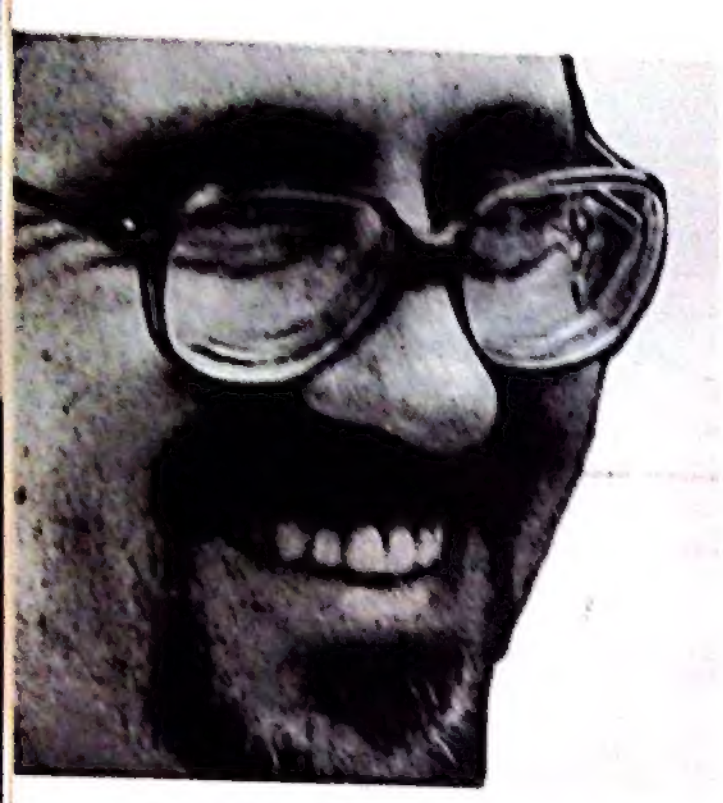
" As matrizes do disco de Radamés ficaram esquecidas 32 anos em cima de um armário, escondidas por uma espessa camada de poeira, quando foram descobertas pelo radialista Lauro Gomes em 1992", conta Henrique Cazes, coordenador do **Arquivo Vivo.** Os títulos sofrem diversos processos de remasterização até alcançar a limpidez sonora exigida por Cazes. O CD de Radamés e sua irmã Aída Gnatalli infelizmente não está à venda: foram prensadas apenas 400 unidades para distribuição promocional. Os próximos 11 títulos do projeto serão comercializados e distribuídos pela gravadora Kuarup. Informações sobre os lançamentos podem ser obtidas através da Central de Atendimento ao Ouvinte da MEC: (021) 252-8413.

Os irmãos **GNATALLI** abrem o projeto

Esta relação de lançamentos de discos e livros é fornecida pelas gravadoras, podendo haver, por questões mercadológicas, atrasos ou adiamentos. Os lançamentos estão disponíveis nas principais lojas de discos clássicos. Informações para esta coluna podem ser enviadas até o dia 5 do mês anterior à circulação, aos cuidados de Débora Queiroz.

Música é insubstituível

por Luiz Paulo Horta



LUIZ PAULO HORTA é editorialista do jornal O GLOBO, crítico musical e membro da Academia Brasileira de Música.

Um começo de ano sempre é fonte de esperanças, pensamentos positivos. Mas, desta vez, tudo talvez seja um pouco mais consistente do que meras sensações subjetivas. Há quase um consenso de que o Brasil pode estar entrando numa nova fase de crescimento sustentado; e, quando isso acontece, as artes se beneficiam - assim como são as primeiras a sofrerem quando a recessão bate à porta.

Esta mudança seria sobretudo vital para o Rio de Janeiro - durante longo tempo, a capital da música no Brasil; hoje, uma sombra do que acontece em São Paulo, sobretudo no terreno da música de concerto. Na realidade de hoje, há quem sustente ser quase supérfluo gastar dinheiro e preocupações com a vida de concerto de uma cidade como o Rio de Janeiro. Já não fornecem os vídeos uma quantidade assombrosa de música? Não se multiplicam as salas e salões particulares, com equipamentos sofisticados, e tanto mais confortáveis quanto se pode fugir das filas, dos engarrafamentos, dos flanelinhas e até mesmo de possíveis assaltantes?

Nunca se enfatizará o bastante o que significa de riqueza artística essa proliferação de meios modernos de transmissão do som e do espetáculo. Mas seria uma pobre vida cultural a que se contentasse com essas possibilidades tecno-eletrônicas. A música viva é insubstituível.

Foi o que mostrou, por exemplo, a passagem de Jessye Norman pelo Teatro Municipal do Rio de Janeiro. O preço dos ingressos era exorbitante. O ar condicionado desligado, num período de calor, a pedido da própria cantora, criava uma certa impressão de sauna, o que desviava, às vezes, a atenção da música. O programa tinha, um pouco, o ar de um recital de fim-de-ano. E, finalmente, a própria performance vocal de Jessye Norman não ficava exatamente à altura de seus melhores momentos, tais como eles aparecem em vídeos e CDs. E, com tudo isso, quem, podendo estar lá, hesitou em ir? Há algo na presença do artista que é simplesmente insubstituível; e é isso o que confere aos grandes teatros, ao redor do mundo, a sua aura especial, a sua carga de magnetismo.

"A PRESENÇA DO *artista* CONFERE AOS GRANDES *teatros* UMA AURA ESPECIAL"

O Brasil não tem recursos, no momento, para permitir-se temporadas de ópera como as que tivemos em melhores tempos. E, apesar disso, quando se estabelece a necessária parceria entre poder público e iniciativa privada, quantos milagres não se tornam possíveis? Quantos grandes momentos não acabam por acumular-se, criando aquele impulso positivo que, por sua vez, leva a novas realizações.

Essa correia de transmissão tinha-se partido, no Rio de Janeiro, por motivos que já não vêm ao caso esmiuçar. Mas, de todo lado, aparecem candidatos a mudar esse estado de coisas. Fala-se em parcerias entre o plano estadual e municipal, que viriam fechar o circuito com um setor privado que nunca se deu por vencido, que manteve, praticamente sozinho, a chama acesa. E o próprio ministro da Cultura do governo Fernando Henrique já sinalizou a sua intenção de ajudar especificamente a setores, como o da música clássica, que não podem viver na dependência exclusiva das leis do mercado.

Que notícias boas, que vêm colorir este início de ano. Que elas se concretizem, é o que se pode desejar - e o que o Rio de Janeiro já faz por merecer. **N**

CCBB:

ESPAÇO CONSAGRADO PARA A MÚSICA

O **TEATRO II** do Centro Cultural Banco do Brasil tem capacidade para 143 espectadores

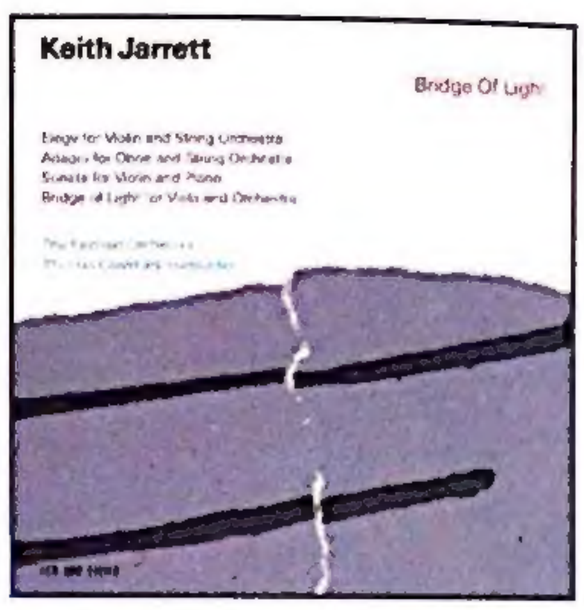
Desde a sua criação em outubro de 1989, o Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro tem sido um dos mais importantes espaços para a música na cidade. O CCBB tem apoiado não só o que há de mais consagrado entre compositores e músicos nacionais, como tem também ajudado o reconhecimento de jovens talentos e dado a um público mais amplo a possibilidade de entrar em contato com um tipo de música que infelizmente ainda continua com uma aura de inatingível. "Para isso", conta a supervisora da área de música do Centro, Maria Cecília Teixeira, "desde o início das suas atividades o CCBB mantém séries musicais mensais variadas e a preços populares".

"Nosso espaço consagrado para a música é o Teatro II, que tem uma acústica excelente", explica a supervisora. "Já o *foyer* é utilizado mais raramente porque a acústica não é tão boa e só funciona com grandes orquestras". As séries musicais do CCBB vão de março a dezembro, e os projetos para ela são escolhidos entre janeiro e março do ano anterior. "Em 1994, por exemplo, tivemos séries como a 'Nossa música, música nossa', coordenada pelo compositor Ronaldo Miranda", lembra Maria Cecília Teixeira. A série teve uma importância muito grande para a música brasileira contemporânea, pois em um procedimento raro no Brasil, para ela, o CCBB encomendou obras inéditas a vários compositores brasileiros. Outras séries do ano passado foram "Mestres do Século XX", "Música das Palavras" (músicas com letras tiradas de poemas) e "Jovens Brilhantes".

A primeira série de 1995, já no próximo mês, será "Encontros de Violões", e estão programadas, entre outras atrações, um ciclo Beethoven no primeiro semestre, uma terceira versão da série "Mestres do Século XX" e uma série lembrando os 300 anos da morte do compositor inglês Henry Purcell. ■

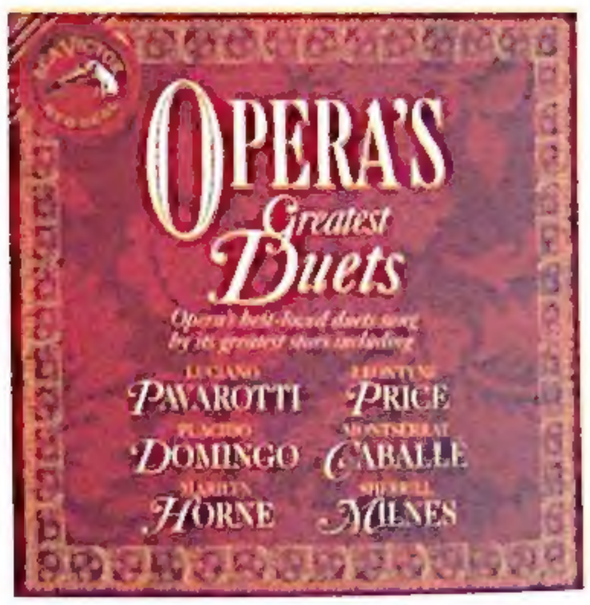
SE VOCÊ NÃO ESCOLHER BEM O QUE FAZER NESTE CARNAVAL, VAI ACABAR SAMBANDO.

PAVAROTTI
THE EARLY YEARS



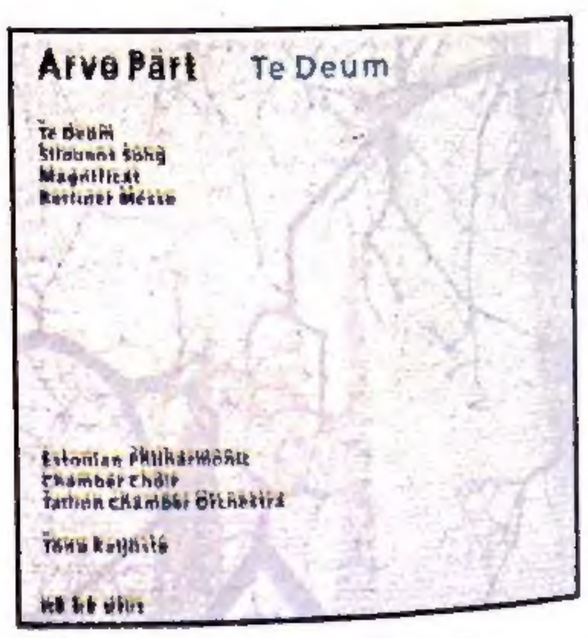
KEITH JARRETT
BRIDGE OF LIGHT

PETRI & HANNIBAL
SOUVENIR



OPERA'S GREATEST DUETS

LEONARD SLATKIN
SAINT LOUIS SYMPHONY ORCHESTRA
BARTÓK



ARVO PÄRT
TE DEUM

À VENDA EM CD